

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Edilene Aparecida Olimpio

A LINGUAGEM DIGITAL COMO UM RECURSO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BELO HORIZONTE

2015

Edilene Aparecida Olimpio

A LINGUAGEM DIGITAL COMO UM RECURSO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira

Belo Horizonte

2015

Edilene Aparecida Olimpio

A LINGUAGEM DIGITAL COMO UM RECURSO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Maria Carolina da Silva Caldeira – Faculdade de Educação / UFMG

Dra. Lívia Maria Fraga Vieira – Faculdade de Educação / UFMG

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre acreditaram no meu valor, e, procuraram orientar os filhos a seguir o caminho de honestidade e respeito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor Jesus Cristo, autor da minha vida, sem Ele nada poderia ser feito.

Aos meus pais pelo exemplo de vida.

Maria Carolina Silva, orientadora, que com sua atenção me ajudou a trilhar novos caminhos e a acreditar na minha potencialidade.

Às crianças que estiveram em minha vida, com as quais aprendi sobre a simplicidade do amor e pelo sorriso que me fortaleceu em momentos difíceis.

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar como pode ser realizado um trabalho direcionado à tecnologia com as crianças pequenas, visando, posteriormente, a sua contribuição durante o processo de alfabetização. Nessa abordagem, alguns instrumentos acessíveis ao uso infantil foram indicados, assim, seu vínculo com as diferentes linguagens, tais como: a oralidade, a escrita, o pensamento lógico, dentre outros. Essa abordagem ainda é complementada com as análises das respostas das professoras da Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte – UMEI Heliópolis, acerca do uso que fazem da tecnologia digital em sua prática. Com embasamento teórico nas pesquisas sobre as tecnologias na educação, como por exemplo: Carla Coscarelli, Pierre Lévy, Paula Sibilia, as Proposições Curriculares para Educação Infantil de Belo Horizonte e Mídias no Universo Infantil da Secretaria Municipal de São Paulo, dentre outros, foram elaboradas atividades que proporcionassem às crianças pequenas o desenvolvimento no processo de alfabetização de uma forma bem agradável, explorando as novas formas de aprender por meio do uso da linguagem digital. O retorno das crianças foi significativo, principalmente porque durante a realização das atividades não foram retirados delas o poder da infância, permitindo que o mundo de faz-de-conta estivesse presente em todo o tempo.

Palavras chaves: Tecnologia; Educação Infantil; Alfabetização; Instrumentos Midiáticos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Fachada da UMEI Heliópolis.....	16
FIGURA 2 – Brincando com o microfone.....	53
FIGURA 3 – Crianças utilizando a máquina fotográfica digital.....	54
FIGURA 4 – O olhar da criança para a rosa e a escrita da poesia	56
FIGURA 5 – Crianças e o celular.....	56
FIGURA 6 – Crianças datilografando.....	58
FIGURA 7 – Digitando no tablete e no teclado do computador	58
FIGURA 8 – Digitando no notebook.....	59
FIGURA 9 – Escrita espontânea de uma aluna	60

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 - UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE BELO HORIZONTE: UM MARCO PARA INFÂNCIA.....	14
2.1 – UMEI Heliópolis: uma história de conquista	16
3 - REFERENCIAL TEÓRICO	19
3.1 – Letramento Digital e o Processo de Alfabetização	27
3.2- As Tecnologias e o Currículo na Educação Infantil.....	31
4 - TECENDO METODOLOGIAS MIDIÁTICAS	34
4.1 – Refletindo Sobre as Práticas Docentes.....	35
4.2 – A UMEI E os Instrumentos Tecnológicos	44
4.3 – Práticas Pedagógicas em Ação	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	63

1 – INTRODUÇÃO

O mundo está em ritmo acelerado em função da era digital. Velhos hábitos são transformados ou renovados por uma geração que está sempre interagindo no mundo virtual. Não importa a idade ou classe social, percebe-se que as pessoas estão cada vez mais fazendo o uso da tecnologia no dia a dia. Segundo Lévy (1999, p. 30), o crescimento dessa onda tecnológica é real e se torna difícil excluí-la atualmente da vida humana. O autor defende que um dos principais efeitos da cibercultura é “acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno-social” (LÉVY, 1999, p. 30). Além disso, as pessoas podem vir a ser excluídas caso não sejam inseridas nessa nova cultura, pois ela “tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação” (LÉVY, 1999, p. 30).

Este novo tempo trouxe algumas mudanças de hábitos. As cartas escritas deram lugar às redes sociais, onde as pessoas se relacionam, expressam seus desejos e anseios. Para ouvir músicas, não precisamos mais de um rádio micro system e CDs. Basta ligar o celular e baixar da internet o que se quer ouvir. Assim, como descreve Coscarelli (2011, p. 9):

A cultura escrita (necessariamente impressa) estabilizou gêneros como a carta, o conto, o bilhete, o anúncio classificado, a notícia de jornal, o editorial ou o artigo científico; a cultura digital (mais do que digitalizada) reconfigurou certos gêneros e originou outros tantos, conhecidos hoje como o e-mail, a conversa de chat, os gêneros postados em blogs e os textos produzidos para webjornais.

Este mundo virtual, que se tornou uma mania entre as pessoas, principalmente no meio das crianças e jovens, não acontece somente fora dos muros da escola. Os alunos estão cada vez mais envolvidos e entendidos sobre esse assunto, levando-o para a sala de aula e compartilhando com seus amigos. Para Folque (2011), o horizonte da criança está além dos muros de uma instituição escolar, ou até mesmo dos espaços sociais em que ela está inserida, ultrapassando as barreiras que tendem a limitar a sua visão e seu aprendizado. Isso possibilita que ela se torne construtora da própria aprendizagem, dando novos direcionamentos e

renovando sistematicamente aquilo que já foi construído anteriormente, contribuindo, dessa forma, para que o processo de ensino seja algo que tenha significado para ela.

Esses novos rumos e as novas formas de aprender esbarram em um ponto muito importante: a escola. O impacto dessa tecnologia é inevitável com a área educacional. Diante desse mundo informatizado, a escola presencia, de certa forma, um crescente número de crianças que desde muito cedo manuseiam com domínio as tecnologias que lhe são oferecidas. Essa percepção de que a escola não pode ficar alheia às tecnologias está presente nas Proposições Curriculares da PBH¹. Elas salientam que, “a escola se vê diante de diferentes desafios [...]. O impacto da tecnologia vem adquirindo cada vez mais relevância no cenário educacional” (BELO HORIZONTE, 2009, p. 106).

Não é possível que a escola, que é um ambiente de ensino, fique distante dos acontecimentos dessa nova era de tecnologias. Conforme afirma Coscarelli (2011, p. 8) “as escolas não devem, não podem e não querem ficar de fora desse novo mundo de possibilidades”.

É preciso buscar momentos favoráveis às crianças onde aconteçam experiências permitindo não somente o acesso fácil a este mundo virtual, como, também, ocasiões que possibilitem a elas a inserção na cultura letrada e na cultura digital. A sala de aula transforma-se em um local onde as informações, antes dominadas pelo professor, agora são de acesso a todos, pois as mais diversificadas informações podem ser obtidas pela internet e outras fontes de comunicação. Para Sibilia (2012), conviver com uma escola já estereotipada é algo que não dá mais para tolerar, visto que novos formatos de escola surgem para satisfazer as necessidades e exigências de uma sociedade imersa nas inovações tecnológicas e nas novas maneiras comportamentais.

Diante dessa nova tendência, a educação infantil de Belo Horizonte, tem uma proposta de oferecer um ambiente acolhedor que possibilite um bom desenvolvimento da criança, ampliando as suas capacidades e habilidades por meio das sete linguagens (oral, escrita, matemática, plástica visual, corporal, digital e

¹ PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

musical), valorizando sempre a criança como sujeito importante do processo de ensino aprendizagem. Entre estas linguagens, destaca-se a “linguagem digital” que procura ampliar o acesso e conhecimento das crianças aos materiais desta era tecnológica. Segundo as Proposições Curriculares “a linguagem digital é muito mais do que fazer atividades usando somente o computador” (BELO HORIZONTE, 2009, p 120). Essa linguagem é formada por variados códigos informáticos e traz um novo modo de entender o contexto e a cultura escrita (BELO HORIZONTE, 2009, p 121)

Diferentes teorias foram desenvolvidas ao longo do tempo para explicar o processo de aquisição da língua escrita. Todas essas teorias (tais como Vygotsky, Wallon, Emília Ferreiro, dentre outros) contribuíram de forma significativa para pensar como se dá esse processo. Na contemporaneidade, a linguagem digital aparece como um recurso que pode se somar a outros para produzir uma aprendizagem mais significativa no processo de alfabetização.

Sendo assim, a linguagem digital tem despertado a atenção de algumas professoras, o interesse e a motivação das crianças nesse processo. Com tanta tecnologia ao nosso redor, disponibilizando inúmeras informações, é preciso criar estratégias que auxiliem o ensino-aprendizagem, já que as crianças utilizam tais ferramentas tecnológicas, primeiramente, para momentos de diversão, sem fazer uma reflexão sobre como podem ser utilizadas. Faz-se importante apresentar esses recursos de forma que elas entendam que, além de divertir, podem aprender as letras, os números, cores, produzir textos usando a linguagem digital, e que isso irá ajudá-las no decorrer da sua vida estudantil. Não podemos esquecer que, como aponta Levy (1999, p. 11) “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço”.

Refletir sobre a relação entre a alfabetização e a linguagem digital é de suma importância já que apresenta uma nova visão de escola buscando novos significados para ensino, onde a prática de leitura e escrita aconteçam de forma diferenciada, oportunizando às crianças vivenciar situações ricas dentro de mundo letrado, sem extrair o brincar, o pensar e a sua forma de construção do conhecimento. Sabendo-se que a educação infantil de Belo Horizonte faz menção a sete linguagens, que ao mesmo tempo são distintas, mas que se entrelaçam. Há

professoras que não as unem durante a realização de suas atividades. Mas por que isto acontece, já que o documento que rege a educação infantil orienta para que haja uma junção entre as linguagens? Se considerarmos que “uma atividade proposta traz em si várias linguagens que levam ao desenvolvimento de capacidades” (BELO HORIZONTE, 2009, p. 46) por que alguns professores ainda não procuram articular essas linguagens em seu trabalho?

Na atualidade, a era digital envolve muito as crianças nas suas curiosidades e a escola pode planejar e construir situações lúdicas que favoreçam o desenvolvimento escolar. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é refletir junto com as professoras da UMEI Heliópolis sobre qual é a contribuição da linguagem digital para o processo de construção da linguagem escrita pelas crianças e em seguida, realizar um levantamento de quais atividades e brincadeiras digitais podem auxiliar no processo de aquisição da alfabetização na educação infantil.

Algumas pesquisas disponíveis na internet, trabalhos de conclusão de cursos de graduação, mestrado e artigos, relacionam a tecnologia na escola a um laboratório de informática onde os alunos acessam jogos e pesquisas via internet. Já Coscarelli (2011) faz uma reflexão sobre o papel do professor e do aluno, mostrando que é possível incitar a criança para o processo de aquisição da alfabetização usando instrumentos digitais. Ribeiro (2012) apresenta sugestões de atividades que podem ser realizadas com as crianças. Sibilia (2012) faz uma análise da escola, das transformações vividas por ela e as suas influências sobre os alunos. Pierre Lévy (1999) reflete sobre a influência da cibercultura no mundo e as Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte norteiam o trabalho, além de refletir sobre a importância da linguagem digital para o desenvolvimento da criança, ampliando assim o aprendizado com qualidade. Outras fontes bibliográficas também foram consultadas para compor as reflexões acerca das contribuições das mídias para a alfabetização.

Com o intuito de entender sobre a linguagem digital na educação infantil relacionado-a com a alfabetização, primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que amparasse e sustentasse a base teórica deste trabalho. Também foram feitas observações, questionários com os professores e análises de experiências de trabalho com uma turma de crianças na faixa etária de quatro a

cinco anos de idade da educação infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte, na Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI e, posteriormente, foi apresentada uma lista de alguns dos instrumentos tecnológicos disponíveis na instituição que auxiliam no processo de alfabetização da criança de forma lúdica e como os professores utilizam essas ferramentas.

A educação infantil é uma fase onde os estímulos devem ser trabalhados, possibilitando à criança uma absorção do ensino que possibilitará a ela obter êxito na sua vida social e pessoal. Neste período de ensino todas as linguagens se entrelaçam em uma só, instigando a criança na busca pelo conhecimento de forma agradável, respeitando a infância, que é uma fase única da vida.

Refletindo nas novas formas de aprender e ensinar, e, também, como a linguagem digital pode contribuir para o processo de alfabetização, faz-se necessário apontar caminhos que instigam a curiosidade das crianças, para que elas possam desfrutar de instrumentos midiáticos que estão ao seu redor. Pensando nisso, este trabalho buscou apresentar, de uma forma mais clara, a importância de trabalhar a linguagem digital com crianças pequenas, possibilitando sempre a construção do conhecimento. Primeiramente, o Capítulo 1 procura fazer uma breve explanação sobre a história da Educação Infantil que resultou no planejamento e construção das Unidades Municipais de Educação Infantil – UMEI's, a importância dessas instituições que tem toda uma estrutura para receber as crianças e como a mobilização da comunidade do Bairro Heliópolis e adjacências contribuiu para a edificação da UMEI Heliópolis.

No Capítulo 2, é dada a oportunidade de se fazer um passeio na fundamentação teórica, que leva a compreender a importância das tecnologias na educação, passando pela concepção de infância, letramento e alfabetização, além de citar alguns dos instrumentos que podem ser usados durante as práticas pedagógicas.

Já o Capítulo 3, apresenta análises das reflexões das professoras e de algumas atividades desenvolvidas com as crianças, envolvendo a linguagem digital, e, ainda, como o desenvolvimento de algumas habilidades dentro das linguagens acontecem quando há o manuseio de instrumentos tecnológicos pelas crianças.

O capítulo 4, traz as considerações finais, registrando o que foi positivo e negativo durante o desenvolvimento das atividades e também pelo conhecimento que as professoras têm sobre o tema da pesquisa.

Em síntese, esta pesquisa apresenta uma forma simples de ofertar às crianças uma aprendizagem que terá uma relevância para o seu desenvolvimento durante o processo de alfabetização, articulando-o com o uso da linguagem digital no contexto escolar.

2 - UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE BELO HORIZONTE: UM MARCO PARA INFÂNCIA

Ao pensar em um espaço que seja destinado ao desenvolvimento infantil, alguns lugares logo vem à mente, tais como um ambiente propício à diversão. Porém, a diversão não é suficiente. O interessante é conciliar o divertimento com momentos nos quais ocorra uma aprendizagem que valorize a criança em seu contexto histórico social, mas, principalmente permitindo a ela usufruir do seu universo infantil. É com essa concepção que surgem as unidades de educação infantil. Porém, antes de referir especificamente sobre esse espaço, se faz necessário entender como aconteceu o processo para a concretização da educação infantil no país.

Inicialmente, os primeiros atendimentos às crianças de zero a seis anos, fora do ambiente familiar, aconteceram perante a necessidade das famílias. Algumas mães eram responsáveis pelo sustento da família e não tinham com quem deixar seus filhos. Para solucionar este problema um grupo de mulheres foram escolhidas nas comunidades a que pertenciam, tornando-se responsáveis em cuidar das crianças enquanto as mães estivessem no trabalho. Vale salientar que este tipo de trabalho tinha o caráter voluntário.

Mas ao longo dos anos, aos poucos, as crianças foram sendo inseridas em instituições infantis, com o objetivo de prepará-las para o ingresso no Ensino Fundamental, dando origem a nomenclatura “pré-escolar”. Além das instituições privadas que se denominavam “Jardim de Infância”, onde o trabalho pedagógico era mais sistematizado, também havia o modelo denominado “creche”, no qual ainda era presente o assistencialismo à crianças carentes, e o pedagógico era visto em segundo plano.

Com as transformações sofridas na educação, houve a necessidade de que a Educação Infantil fosse reconhecida como uma política educacional que “visa garantir o direito da criança ao acesso, permanência e aprendizagem na escola” (BELO HORIZONTE, 2009, p. 14), desprendendo assim, da política de assistência social. Hoje, existem leis que resguardam este direito:

Neste contexto, as diferentes leis de nosso País – a Constituição Federal, em 1988; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990; a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional – LDBEN -, em 1996; e a resolução CEB 1/99, que institui as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil-, complementarizando-se, passam a reconhecer o direito dos bebês e das crianças pequenas ao atendimento educacional numa instituição pública educativa fora do lar. (BELO HORIZONTE, 2009, p. 14)

Na trilha de conquistas educacionais, a Cidade de Belo Horizonte vem se destacando no cenário da Educação Infantil. O atendimento a crianças pequenas no município tem apreciado três dimensões importantes ao desenvolvimento das crianças: a proteção, o cuidado e a educação. Ao mesmo tempo em que cada uma delas é distinta, elas estão fortemente ligadas entre si. Como enfatizam as Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte (2009, p. 15) “conciliar a perspectiva da dualidade e indissociabilidade da ação pedagógica do cuidar e educar requer mudanças” que podem ou não ocorrer a longo prazo. Essas mudanças estão relacionados a “concepção de criança, de papel da escola, do papel da família, enfim do fazer pedagógico de uma instituição [...] que atende pequenos cidadãos”(BELO HORIZONTE, 2009, p.15) e são englobadas em todas as dimensões.

Neste contexto educacional, em 2001, inicia-se um movimento com o objetivo de dialogar sobre propostas que fossem viáveis para a criação e estruturação da educação infantil. Foi então criado o Grupo Gerencial da Educação Infantil (GGEI) “após inúmeros exercícios e propostas elaborados, a forma encontrada para a ampliação foi a criação [...] das Unidades Municipais de Educação Infantil – UMEI’s”, que são vinculadas a uma escola polo de ensino fundamental.

Com a Lei 8679/2003 promulgada, a criação das UMEI’s se tornou uma realidade no Município de Belo Horizonte:

Art. 1º Ficam criadas as unidades municipais de educação infantil, com o objetivo de garantir pleno atendimento educacional às crianças de até 5 (cinco) anos e 8 (oito) meses de idade, na forma dos arts. 29 e 62 da Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e do § 1º do art. 157 da Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte - LOMBH.

Atualmente, Belo Horizonte se tornou destaque como referência na educação Infantil em âmbito nacional. As UMEI’s foram projetadas pensando na criança em sua totalidade. Os espaços foram planejados por profissionais qualificados

(engenheiros e pedagogos), contemplando a concepção de criança e de uma educação conforme as orientações da RMEBH², atendendo “as especificidades e necessidades das crianças pequenas”. (Belo Horizonte, 2009, p. 17)

O município de Belo Horizonte já conta com mais ou menos 102 (cento e duas) Unidades Municipais de Educação Infantil e a meta do prefeito é construir mais unidades (até 2016 espera-se que seja 150 UMEI's construídas), garantindo assim, direito de todas as crianças na faixa etária de zero a seis anos de frequentar uma das unidades. Entre as UMEI's, destacaremos a UMEI Heliópolis, que é a instituição onde foi realizada esta pesquisa.

2.1 – UMEI Heliópolis: uma história de conquista



FIGURA1: Fachada da UMEI Heliópolis. Fonte: <http://blogdanorte.blogspot.com.br>. Acesso em 23/04/15

A UMEI Heliópolis está localizada na região norte de Belo Horizonte. A palavra “HELIÓPOLIS” vem do grego e significa “cidade do sol”. Após conhecer a origem da palavra Heliópolis, a instituição foi carinhosamente apelidada de UMEI SOL.

O processo de construção da instituição teve início em 2002, a partir da mobilização da comunidade em retirar as crianças menores de seis anos da rua, visto que a região onde moram é de vulnerabilidade social. Assim, havia a necessidade de uma escola infantil onde as crianças pudessem ficar durante o período em que os pais estivessem trabalhando.

² RMEBH – Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

Essa demanda foi apresentada e defendida no fórum das prioridades do Orçamento Participativo (OP) de 2002, e teve a participação das representações políticas da região como: a Escola Municipal José Maria dos Mares Guia, o Centro de Saúde do bairro Heliópolis, as lideranças de Vila Biquinhas, São Bernardo, São Tomás e Heliópolis.

A Unidade Municipal de Educação Infantil Heliópolis – UMEI SOL - foi inaugurada em setembro de 2007, estando sob a administração da escola polo Escola Municipal José Maria dos Mares Guia.

Atualmente a UMEI atende cerca de 250 crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos, distribuídos nos turnos da manhã, tarde e integral. O atendimento é dividido conforme as normas do município: manhã, de 07h00min às 11h30min ; tarde, de 13h00min às 17h30min e integral de 07h00min às 17h20min . As crianças dos horários parciais têm entre 3 (três) e 6 (seis) anos de idade e as do horário integral têm entre 0 (zero) a 2 (dois) anos de idade. A UMEI tem um quadro de turmas com 1 berçário, 1 turma de 1 (um) ano, 1 turma de 2 (dois) anos, 2 turmas de 3 (três) anos, 4 turmas de 4 (quatro) anos, 3 turmas de 5 (cinco) anos e 1 turma flexível de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos. O espaço físico da escola destinado às crianças é composto por 8 salas de atividades, uma sala multi - uso, um refeitório e dois pátios. O quadro de profissionais é de um vice-diretor, 2 coordenadoras pedagógicas, 2 secretárias, 31 educadoras em horários manhã, tarde e intermediários, 9 auxiliares de serviço, 2 porteiros e 2 vigias.

Entre algumas experiências marcantes vivenciadas pela UMEI pode-se citar o “Projeto Luz que Ilumina”, onde as crianças, famílias e funcionários demonstraram carinho no asilo de idosos do “Núcleo Assistencial Caminhos para Jesus”; seminários organizados pela equipe pedagógica e professores, com o objetivo discutir temas pertinentes à educação infantil procurando apontar melhorias na prática pedagógica que ofereça um ensino de qualidade às crianças, além de projetos que proporcionam sempre a busca pelo conhecimento explorando e reconhecendo alguns espaços públicos da cidade.

Uma das preocupações da UMEI é possibilitar a interação da escola com a família através de eventos e projetos, entendendo que, o desenvolvimento de cada criança é de interesse e responsabilidade de todos.

A UMEI HELIÓPOLIS tem a consciência do seu importante papel social e educacional perante a comunidade, priorizando um atendimento de qualidade e ao longo da sua história vem redefinindo mudanças que podem gerar melhorias em seu trabalho pedagógico.

As atividades desenvolvidas na Instituição são fundamentadas nas orientações contidas nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil. Segundo esse documento, trabalhar as linguagens, principalmente as simbólicas na educação infantil é permitir à criança se expressar livremente, construindo assim o seu conhecimento. Conforme as Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte (2009, p. 45):

Dentre as linguagens simbólicas, temos a linguagem dos sons, do toque, da fala, da escrita, dos cheiros, dos sabores, do brincar, das atitudes, das marcas, das posturas, das reações emocionais, do desenho e da arte.

Entendendo a importância dessas linguagens dentro do contexto escolar infantil, o grupo docente tem buscado inserir em suas práticas, momentos que possibilitem que as crianças presenciem o simbolismo durante as brincadeiras de faz de conta, nas situações onde ocorra a aquisição da linguagem escrita e das demais linguagens, como por exemplo, a linguagem digital.

O trabalho docente com a linguagem digital permite acesso das crianças na era tecnológica, possibilitando a elas a compreensão do mundo informatizado no qual estão inseridas, onde a maioria dos objetos funciona através da tecnologia e também para entenderem como as mudanças digitais influenciaram o comportamento do ser humano e suas atitudes.

O Projeto Político Pedagógico da Instituição somente cita as linguagens, sem especificar quais atividades que podem nortear as práticas envolvendo as linguagens. Cabe ao professor pesquisar e planejar qual a melhor forma de realizar atividades direcionadas a elas.

3 - REFERENCIAL TEÓRICO

O mundo está em constante transformação, seja no âmbito cultural e/ou social, o que acaba por influenciar as práticas escolares. Estas mudanças sociais e culturais afetam o comportamento humano e também dizem respeito aos instrumentos e técnicas usadas pelos homens visando uma melhoria durante o desenvolvimento de suas atividades e do modo viver.

Esse processo de transformação está associado à tecnologia. O termo tecnologia é empregado para explicar a evolução dos objetos e materiais presentes no dia a dia das pessoas e pelos meios que permitem a ampliação do conhecimento ao longo dos anos. Segundo Ximenes (2001. p. 830) “tecnologia é o conjunto de conhecimentos, processos e métodos usados num determinado ramo de atividade”. Entende-se, então, que a tecnologia não diz respeito exclusivamente as mídias como computador, televisão, tablet, etc. A evolução do homem, assim como o seu desenvolvimento, está paralelamente relacionado às tecnologias. Os primeiros desenhos humanos eram feitos usando como instrumentos de escrita as pedras e o carvão até chegar na ferramenta mais conhecida nos dias de hoje, o lápis. Outros objetos também sofreram transformações como o papel, as tintas (antes eram apenas pigmentos de plantas, hoje são industrializadas oferecendo uma melhor qualidade), etc. Estas alterações mudaram o cenário da humanidade devido ao acesso ampliado e pela velocidade de informações no mundo.

Percebe-se com tudo isto que, as tecnologias sempre existiram, cada uma a seu modo, sendo alteradas e/ou transformadas conforme a necessidade do homem e do mundo social. Atualmente, se fala muito de mundo tecnológico referindo-se ao acesso ampliado das informações que usam como instrumentos as mídias, favorecendo a interconectividade das pessoas na contemporaneidade. O universo tecnológico entrou nas casas através de objetos que oferecem uma comodidade para as pessoas, como por exemplo, a televisão que disponibiliza variados serviços. Hoje, um monitor de televisão oferece acesso a internet, unindo assim dois objetos em um (computador e televisão). Com todo esse conforto, torna-se natural o uso frequente de instrumentos mais modernos pelas pessoas. E, à medida que o tempo

passa, aumenta a busca por aparelhos cada vez mais sofisticados para satisfazer o ego e também as necessidades do dia a dia.

Na sociedade, a tecnologia se faz presente em todas as áreas. Uma reunião não precisa acontecer com presença de várias pessoas em um único espaço, basta ligar o computador e realizar uma teleconferência com pessoas de vários lugares do mundo. Hoje, já não é preciso enfrentar longas filas para realizar transações bancárias, agora, tudo pode ser feito pela internet. Uma pessoa pode ter milhões de amigos através das redes sociais espalhados por lugares que ela, talvez, nem imagine conhecer. O telefone, hoje o mais comum é o celular, são milhões de aparelhos que possibilitam às pessoas terem o mundo em suas mãos através de aplicativos que permitem realizar várias ações ao mesmo tempo e que antes só eram possíveis utilizando diversos utensílios, como: mapas, agendas de papéis e enciclopédia com muitos volumes, dentre outros.

O ensino escolar não ficou para trás. Para ofertar um curso, a escola precisava de um lugar onde os alunos pudessem frequentar de forma confortável e com horários pré-estabelecidos e limitados. Hoje é muito comum a modalidade de ensino à distância, onde o aluno pode estudar onde estiver, basta ter um computador que dê a ele o acesso à internet, e assim, com maior fluidez e rapidez, o ensino e as trocas de experiências de aprendizado acontecem. Entretanto, vale salientar que o ensino à distância já acontecia via cartas e até mesmos através de rádios. A diferença que se pode destacar entre os métodos de transmissão do conhecimento está na qualidade da rapidez em que as informações são acessadas. Enfim, todas as pessoas de um jeito ou do outro fazem uso da tecnologia para os mais variados fins. Segundo Ribeiro (2011, p. 85) “percebe-se que as pessoas têm uma dependência em relação às máquinas e à tecnologia para sobreviverem”.

Acompanhando essas mudanças, as gerações infantis adquirem novos hábitos. As crianças hoje em dia já não brincam somente de bola, pião, etc. Elas inventam novas brincadeiras, tem novas maneiras de pensar e construir o seu conhecimento. Maragon (2011, p.40) descreve a infância como uma variante, pois ela já não é a mesma de tempos atrás e que as crianças dos tempos atuais sofrem influências dos mais diversificados instrumentos midiáticos, com os quais convivem muito bem. Ainda para Maragon (2011, p.40) “a vida desde cedo é permeada pela

televisão, pelo videogame, pelo computador, pela internet e por tantos outros recursos”.

Assim como Marangon escreve, as Proposições Curriculares da Educação Infantil também relatam que a infância teve uma mudança brusca e conseqüentemente, surgiram outras maneiras e formas de brincar e pensar. As crianças eram percebidas como adultos em miniatura, devido à educação dada há tempos atrás, tinham a hora certa de falar e geralmente os seus questionamentos nem sempre eram escutados. Entretanto, com o passar dos anos, elas foram conquistando seu espaço, dando voz ativa as suas vontades.

A infância, período característico das crianças, é tempo de expressão, da curiosidade, do encantamento e acima de tudo da descoberta. As Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte apontam esta etapa infantil como um período importante no desenvolvimento humano, já que as crianças estão em plena transformação em suas áreas físicas e psicológicas. Portanto, a interação delas com o meio é essencial para que a aquisição ou ampliação do conhecimento aconteça de forma simples, espontânea e expressiva. Ainda como descrevem as Proposições Curriculares para a educação Infantil de Belo Horizonte (2009, p.32) a infância “é um fruto de um longo percurso e está sempre sujeita a mudanças”. Tais mudanças são reflexos de uma sociedade que está constantemente sofrendo transformações que caracterizam o grupo nela inserida. Sendo assim, entende-se que infância é uma construção social, permeada pelos valores culturais. Aprofundando um pouco mais, pode-se dizer que a infância anda paralelamente ao lado das tecnologias, pois ambas se modificam constantemente, e que o mundo tecnológico influencia a mudança no sentido da puerícia. As diferenças atuais se apresentam nas crianças modernas (que dominam as novas tecnologias) e as tradicionais (brincadeiras tradicionais). Contudo as brincadeiras estão presente em ambos grupos, porém, de forma diferenciada.

Entende-se então que, a infância é uma fase onde as crianças vivenciam suas primeiras experiências de interação e procuram entender os acontecimentos de forma que todos tenham um significado em suas vidas. Ao refletir sobre os novos modos de brincar e a interação entre as crianças, não se pode deixar de relacionar as influências do avanço tecnológico no universo infantil. Com os jogos e brinquedos

eletrônicos, internet, celulares, dentre outros, a infância toma um novo formato e apresenta para o mundo crianças que, cada vez mais cedo, estão conectadas ao mundo virtual e também manuseiam com domínio os instrumentos digitais, são os chamados nativos digitais³.

Não se deve impedir que as crianças façam o uso das novas tecnologias, porém, se torna imprescindível que as mesmas sejam usadas positivamente para auxiliá-las nos estudos e também na sua formação como cidadã social. O que deve ser feito, tanto pela família como pela escola, é buscar meios que sejam favoráveis para o desenvolvimento das crianças utilizando-se de instrumentos que despertem o interesse pelo estudo.

Respeitando a criança nesse novo contexto cultural, entendendo que ela não é um depósito de informações, e sim, um sujeito capaz de expressar suas vontades e desejos, faz-se necessário ofertar a ela um ensino que possibilite diversas experiências que auxiliarão na sua construção do conhecimento. Quando a criança participa ativamente desse processo, a sua aprendizagem se torna mais significativa porque ela não está somente recebendo informações, mas buscando dentro de um contexto social, a sua identidade. Como relatam as Proposições Curriculares para a Educação Infantil:

O aluno deixa de ser um consumidor de informações, quando passa a construir seu próprio saber e desenvolve criticamente sua alfabetização com o uso de ferramentas informáticas, segundo seu próprio ritmo de aprendizagem. (BELO HORIZONTE, 2009, p. 109)

Ao ser exposta a um leque de possibilidades interativas, a criança vê seu mundo ampliado e durante as práticas cotidianas de sua vivência, ela constrói sua identidade através do brincar, da observação e da experimentação.

Refletindo na condição da criança/aluno como afirmam as Proposições Curriculares, entendendo a sua posição dentro do contexto escolar e social, a escola deve repensar seu papel dentro da sociedade, suas ações pedagógicas com o

³ Nativos digitais são aqueles que cresceram cercados por tecnologias digitais. Para eles, a tecnologia analógica do século 20 --como câmeras de vídeo, telefones com fio, informação não conectada (livros, por exemplo), internet discada--é velha. Os nativos digitais cresceram com a tecnologia digital e usaram isso brincando, por isso não têm medo dela, a veem como um aliado. <http://www.marcprensky.com/international/Leia%20entrevista%20do%20autor%20da%20expressao%20imigrantes%20digitais.pdf> – Acessado Em 15/04/15

intuito de ofertar um ensino que explore positivamente os instrumentos tecnológicos em prol da aprendizagem.

Segundo Coscarelli (2011, p. 32) “a escola precisa encarar o seu papel, não mais apenas de transmissora de saber, mas de ambiente de construção do conhecimento.” Se antes a escola era vista como a única detentora do conhecimento e ofertava uma aprendizagem, pode-se dizer inflexível, cabendo aos alunos memorizar as regras e o conteúdo, atualmente a função escolar sofreu algumas alterações. A escola não só transmite o saber, agora, tem a postura de ser a mediadora entre o aprendiz e o conhecimento. Assim, além de se interar com as informações, a instituição escolar deve valorizar o saber das crianças, além de oportunizar meios para que elas ampliem o que já sabem. Para que isto aconteça, deve-se, disponibilizar diversos meios para que as informações cheguem até as crianças, assim como instrumentos variados que as auxiliem durante as atividades e momentos de interações, possibilitando as trocas de experiências entre os alunos e demais pessoas envolvidas no processo escolar. Assim, a escola deve procurar se adaptar as novidades sem perder suas características de instituição educadora, mas também se enquadrando nas multiformas de mediar o conhecimento.

Nos dias atuais, com a presença de recursos tecnológicos diversificados, a escola proporciona uma forma mais moderna de ensinar, fazendo-se valer os instrumentos que hoje se fazem imprescindíveis dentro da sala de aula, como por exemplo, o computador, televisão, dentre outros. Tais instrumentos ou objetos servem para atrair mais a atenção dos alunos e estimulá-los durante do processo de aprendizagem.

Nessa era de mudanças tecnológicas, a escola também sofre transformações, assim como descreve Sibilia (2012, p. 198), “sob esta perspectiva , torna-se evidente que a escola é uma tecnologia de época”. Isto porque com o passar dos anos a escola foi tomando novos formatos, se ajustando em relação às ferramentas mais modernas que ofertam uma qualidade melhor durante o ensino, e porque não dizer, até mesmo em relação às novas características dos alunos. Tudo isto faz com que a escola seja envolvida com as influências sociais que se transformam a cada geração. Assim sendo, é fundamental que a escola busque alternativas para o ensino. Coscarelli (2011, p.9) enfatiza que a escola como uma instituição de ensino,

“empresta conceitos da sociedade do impresso e repensa os impactos da escrita em meio digital” e para que isto aconteça de uma forma tranquila e marcante é preciso que ela repense como e quando empregar os recursos tecnológicos, procurando tecer cuidadosamente o ensino do processo de aprendizagem.

Veloso (2012, p. 85) chama atenção pelo desassossego que as mudanças podem oferecer: “a mudança sempre traz um desassossego, pois temos de estar dispostos a aprender de novo, ver que não somos os detentores do saber e que, muitas vezes, ainda vamos ter muito o que aprender”.

A escola, especialmente na educação infantil, deve privilegiar as crianças na sua totalidade. Durante este período, a criança é instigada a buscar o conhecimento de uma forma prazerosa, levando em consideração a sua visão prévia do mundo e agregando novos conceitos que auxiliarão na sua formação escolar assim como a pessoal. Como descrevem as Proposições Curriculares (BELO HORIZONTE, 2009, p. 26) as potencialidades dos sujeitos devem ser consideradas para a “construção, reconstrução, incrementação, reelaboração” do conhecimento para a finalidade de que o mesmo possa “possibilitar a compreensão e a solução de situações problema na vida e em seu meio social” (BELO HORIZONTE, p. 26).

Pensar na diversidade de ensinar é ter uma visão aberta para tudo o que acontece no mundo, na globalização que queira ou não influencia o aprendizado da criança. Segundo Coscarelli (2011, p. 28) “podemos e devemos usar o computador como meio de comunicação, como fonte de informação que ajudará os alunos a responder suas perguntas” e este poder que temos em nossas mãos deve ser usado de forma a auxiliar a construção de novos conhecimentos através de questionamentos, levantamento de hipóteses que possibilitará ao aluno desenvolver atividades diversas e apresentar bons resultados.

Como o mundo parece estar em constante movimento nessa onda digital, onde as coisas se modificam, são renovadas, dando outros significados para aquelas já existentes, todas essas transformações influenciam o modo de ser das pessoas. Cada geração de pessoas cria características que marcam a sua época, em algumas vezes, se tornam marco histórico para as futuras gerações. Na escola, as influências das gerações também se tornam marcantes. As mudanças sofridas pela sociedade escolar ficam evidentes em seu currículo. As disciplinas adquirem

um novo direcionamento, mudam os nomes e ganham novas características. Também as linguagens tomam novos formatos com a finalidade de se adequar a nova geração. Geração esta que não precisa de um lápis ou papel para se comunicar, ela usa de instrumentos mais modernos que permitem a comunicação rápida, trocas de informações e para isto não precisam estar próximas. Hoje a distância não impede as pessoas de se relacionarem diariamente. É como se a distância não existisse.

As Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte destacam que “a linguagem está em constante evolução. Isso ocorre à medida que as pessoas vão fazendo o seu uso nas diversas situações de interação” (BELO HORIZONTE, p. 107). Tais interações são vivenciadas por adultos, jovens e crianças e resultam em um novo formato de se expressar e comunicar, deixando para trás a forma convencional e rendendo-se a uma nova era mais rápida e expressiva, “devemos compreender e aprender essa linguagem que anunciou o fim de uma concepção mecânica de mundo e o florescer de uma nova era: a da linguagem digital” (BELO HORIZONTE, p. 107)

No processo de evolução que remete a ideia de movimento, algo que não está estático, como diz Sibilia (2012, p. 206) as linguagens “atingiram os modos de expressão e comunicação em todos os âmbitos”. Estes novos modos de se comunicar, de adquirir o conhecimento, instigam a criança a buscar o conhecimento por si. Antes, a criança era vista como um depósito, onde todo conteúdo era ali colocado para depois, através de práticas tradicionais, deveria dar o retorno que o professor esperava.

No entanto, surge aqui um choque digno de nota: são justamente essas crianças e esses adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo meio ambiente, os que devem se submeter diariamente ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. (SIBILIA, 2012, p. 204)

Com as transformações que ocorreram, as crianças não são mais aqueles sujeitos que esperam o conhecimento chegar até eles. Com o passar do tempo elas foram desenvolvendo a autonomia que as possibilitou buscar seus próprios conhecimentos. E assim elas adquiriram a característica de serem ativas no processo ensino aprendizagem. Este movimento de deixar de ser um depósito para

ser o construtor de conhecimento, provocou uma instabilidade no ensino. A escola não estava preparada para lidar com este tipo de aluno. Foi preciso que a escola procurasse formas de oferecer um ensino que suprisse as necessidades dos alunos e que não fosse algo ultrapassado. Eis que surge uma nova escola, mais dinâmica e interessante. Uma escola mais moderna, conectada com o formato de uma nova geração que interage o tempo todo com o mundo que a cerca. Ainda segundo Sibilia (2012, p. 209) “agora estamos todos livremente conectados não só às redes sociais, [...] mas também a outros dispositivos de monitoramento como os sistemas de geolocalização.” Pode-se dizer que as pessoas estão cada vez mais dependentes do uso das mídias para realização de pequenas atividades, como por exemplo, o uso do cartão de crédito, além do acesso rotineiro as redes sociais, as quais crescem a cada dia. E se os adultos não conseguem ficar distantes dessas tecnologias, as crianças por sua vez, fazem o uso de uma forma mais tranquila e curtem a cada momento esses recursos, fazendo o uso de tais em qualquer momento e lugar, procurando diversão ilimitada, principalmente quando se veem trancados dentro de uma sala de aula, tentam fugir das rotinas escolares “costumam recorrer a essas conexões para sobreviver ao tédio que implica ter que passar boa parte de seus dias trancados em salas de aulas.”(SIBILIA, 2012, p.209).

Para Ribeiro (2012, p. 17), a escola já não é a mesma e a cada época procura se adequar às mudanças:

Considere-se, então a escola como parte dessa sociedade semovente. Não nos mesmos ritmos, não nas mesmas velocidades, não aderindo imediatamente a cada nova moda. Escola é lugar/tempo de pensar, de avaliar, de discutir, de organizar, de propor. A despeito de certo discurso pessimista e acusatório, a escola de hoje já não é a mesma de 40, 50 ou 100 anos atrás.

Esse percurso escolar instigou modos diversos de pensar e produzir o conhecimento. Atendendo a um público mais exigente, as práticas escolares passaram a incluir as mídias, reconhecendo-as como auxílio eficaz. No que se refere à educação infantil, as mídias encontram um campo favorável na construção do saber. Segundo as Proposições Curriculares para a Educação Infantil as práticas que envolvem a era digital ou virtual “devem ter anteriormente uma vivência concreta e um ambiente de aprendizagem dinâmico, capaz de promover o engajamento do

aluno” (BELO HORIZONTE, 2009, p. 115). Essa ideia vem de encontro com o que diz Ribeiro (2012, p. 9) “as tecnologias digitais permitem o transbordamento dos espaços, ao ponto de eles se tornarem indefinidos”. Agora não existe dentro ou fora da escola, todos os espaços estão propícios à aprendizagem e estas não estão mais limitadas a um único lugar para acontecer, pois “há uma atividade que pode começar ali, quando o professor propõe, mas que atravessa tempos, espaços.”(RIBEIRO, 2012, p.9). Assim, entende-se que a aprendizagem pode iniciar-se em um momento dentro da escola e terminar em um dia ou mais, tanto no espaço interno escolar como na área externa, transpondo as barreiras do conhecimento.

Ao pensar a tecnologia como um mundo infinito de aprendizagens, percebe-se que a sua importância não está somente no manuseio de instrumentos digitais. Muito além do que o simples manejo das mídias, a linguagem digital se torna um recurso eficaz no processo do desenvolvimento da alfabetização.

A linguagem digital é um instrumento moderno que surge para uma geração autônoma no aprendizado. Coscarelli (2011) e Ribeiro (2012) apresentam “caminhos” que podem ser percorridos pelos professores nos momentos de interação com os alunos, dando exemplos de atividades que podem aguçar o interesse das crianças pelo objeto de ensino. Para Coscarelli (2011, p. 26) “o fato de usar a informática nas aulas não transforma instantaneamente o ensino em alguma coisa “moderna” e “eficiente””, primeiramente, é preciso ter uma intencionalidade, que vai além de um modismo, para que a prática pedagógica possa ter um resultado satisfatório. Além disso, não é certo dizer que um método e/ou instrumentos específicos são mais eficazes do que os outros. O sucesso durante o desenvolvimento de uma atividade revela que vários recursos diferentes podem ser usados, e, todos contribuem positivamente para progressão das crianças. Cabe ao professor criar estratégias para inserir em seus planejamentos o uso desses instrumentos a fim de motivar os alunos a querer aprender.

3.1 – Letramento Digital e o Processo de Alfabetização

O letramento está presente em todos os lugares mesmo que não seja nitidamente percebido. Ao fazer o uso da leitura e da escrita, como por exemplo, ao escrever um bilhete, ler um outdoor, um folheto que é entregue na rua, um jornal,

entre outras ações de codificar e decodificar, temos momentos de vivência do letramento, que compõe a construção do saber. Esses saberes podem ser em algum momento do processo de aprendizagem, aparecer nas atividades pedagógicas. Isto são atos que se referem ao letramento, já que ao realizar tais ações, acontece o uso da escrita e da leitura que foram desenvolvidas no processo de alfabetização. Uma das características do letramento é que ele valoriza o cotidiano e a vivência da criança. Referindo-se à atualidade, o letramento adquire instrumentos modernos que possibilitam o domínio da tecnologia. Surge então, o letramento digital.

Ao mencionar a linguagem digital no processo de alfabetização faz-se necessário entender o que é letramento digital. Para Frade (2011, p. 60), letramento digital “implica tanto a apropriação de uma tecnologia, quanto o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital”.

Segundo Magda Soares, (2002, *apud* Frade, 2011 p. 60) letramento refere-se à habilidade de utilizar a escrita, na sua função social, mesmo não sabendo ler e escrever. No contexto digital, diz respeito à eficiência das pessoas em utilizar os meios midiáticos para exercer as práticas de leitura e escrita na tela de um computador, ipod, tablete, etc.

Pode-se dizer, então, que letramento digital é o conjunto de apropriações da escrita através dos instrumentos digitais (tablet, notebook, dentre outros) aliado com o uso das diversas possibilidades comunicativas que surgem através das mídias. É o saber se comunicar fazendo o uso dos gêneros próprios da internet. É refletir criticamente sobre o acesso às informações nesse meio, atendendo assim, uma nova demanda de usuários da língua escrita e falada.

Ribeiro (2012) faz uma reflexão pertinente:

Nossa habilidade de explorar e operar novas tecnologias não precisa existir de forma imperativa, porque há um discurso de que “a escola tem de”, mas porque há, de fato, ferramentas que podem auxiliar em nossas aulas, em nossos planos de aula, na compreensão de conceitos, na prática de produção, na modelagem de conceitos, na avaliação, na interação mais intensa entre todos os atores do processo de ensinar e aprender. (p. 16)

Dentro desse contexto, dar-se a entender que a escola não tem a obrigatoriedade de trabalhar o letramento digital na sua totalidade. Cada escola tem suas características distintas, modos diferentes de ensinar, porém, estas diferenças

não devem ser vistas como empecilho para que os alunos tenham aulas elaboradas usando instrumentos mais modernos.

Já que o letramento digital se apresenta como uma nova prática social, é importante que as pessoas sejam capazes de responder as imposições que a sociedade faz em relação ao ler e escrever, tornando-as mais ativas no uso de tais tecnologias.

A escola nessa manifestação tecnológica deve procurar incluir em seu currículo, práticas que envolvam o letramento digital, pois como afirma Oliveira (2014, p.03) a capacidade que cada indivíduo tem em atender satisfatoriamente as demandas sociais abrangendo o uso dos instrumentos tecnológicos durante a prática da escrita no campo digital.

Para Coscarelli (2011, p. 9), “letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital”.

Então o letramento digital não é uma característica produzida somente dentro da escola, ele acontece em qualquer lugar, desde que haja o manuseio de um instrumento digital. No que se refere ao ambiente escolar, cabe à escola oportunizar momentos nos quais ocorra a utilização de tais materiais, promovendo assim o desenvolvimento das habilidades tecnológicas, tais como, o uso correto de software e a compreensão e interpretação de escritas no computador. Como ressalta Prado (2009, p.52) “sob este enfoque, o papel da tecnologia pode ser um aliado extremamente importante”, por apresentar uma forma bem mais atrativa na busca pela aprendizagem e porque “demanda novas formas de interpretar e representar o conhecimento” (PRADO, 2009, p.52)

Transpondo o letramento digital para a educação infantil é imprescindível que a aquisição da linguagem escrita seja por meios de práticas que possibilitem o “ensinar brincando”. Oportunizando as crianças momentos em que aconteça uma aprendizagem tranquila, que tenha um significado para elas, experimentando aquilo que é novo e ao mesmo tempo ressignificando o que já sabem. Nesses momentos elas devem se sentir à vontade para desenvolverem o gosto pela busca do conhecimento, sem qualquer pressão por parte do professor.

Dentro do processo de letramento, o letramento digital, na educação infantil, proporciona um aprendizado de acordo com especificidades das crianças, pois elas não precisam dominar a escrita e nem a leitura de palavras.

A presença do computador no cotidiano da educação infantil no que concerne à língua escrita propicia à criança experiências de ler sem saber ler, escrever sem saber escrever. (SÃO PAULO, 2008, p. 55-56)

Pode parecer difícil compreender o que se quer dizer quando se afirma que a criança é capaz de “ler sem saber ler e escrever sem saber escrever” (SÃO PAULO, 2008, p.55-56), essa ideia vincula-se ao conceito de letramento, que parte do princípio de que é possível fazer uso social da escrita, mesmo antes de estar alfabetizado. Significa também que, nesses momentos de interação com as tecnologias, a criança desenvolve suas capacidades de percepção da escrita e dos sons das palavras, levantando hipóteses sobre as possibilidades de como se lê e como se escreve, dando assim, novos significados àquilo que já se conhece. Como salienta São Paulo (2008, p. 61) “as linguagens oral e escrita, no computador, instigam a curiosidade infantil, criam emoções, estabelecem relações interpretativas e fascinam a leitura e releitura”. Assim, nos traz a ideia de que a motivação é o principal fator para aprender. O mesmo autor afirma que “a criança interage com a linguagem oral, musical e escrita; vivencia leituras compartilhadas; escritas espontâneas e novas escritas” (SÃO PAULO, 2008, p.61), tendo em suas mãos um universo de possibilidades em formatar as palavras e letras, usando e abusando das cores, dos estilos, tamanhos e efeitos diversos.

A linguagem digital possibilita trabalhar todas as linguagens com o intuito de oferecer às crianças o êxito durante o processo de aquisição da alfabetização. Pois permite que criança desenvolva a “capacidade de ler e intervir no mundo, de modo que cada um decida quando, como e para que utilizar a tecnologia [...], na formação de saberes” (MEC, 2008, p. 19). Na perspectiva do processo de alfabetização, a criança adquire novas formas de aprender, participando ativamente da construção da aprendizagem e tendo como auxílio os instrumentos tecnológicos, os quais já manuseiam com facilidade.

Nesse novo cenário educacional, não há limites e nem formato definido para a ampliação do conhecimento, isto porque as tecnologias permitem o uso de espaços

ilimitados e indefinidos, o que contribuem para a aprendizagem. As atividades podem começar e um espaço e terminar em outro e podem ser interativas. A amplitude do conhecimento é a marca fundamental de uma aprendizagem tecnológica.

3.2- As Tecnologias e o Currículo na Educação Infantil

O currículo na educação infantil é um instrumento de suma importância, ele apresenta características das vivências dos alunos. É essencial entender que ele é uma construção social, de múltiplas facetas e tem como finalidade contemplar a diversidade cultural das crianças (BELO HORIZONTE, 2009). Uma concepção que retrata a importância de um currículo está na Resolução Nº 5 de 17 de dezembro de 2009⁴(DCNEI), que afirma que o currículo “é um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio [...] tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral das crianças” (BRASIL, 2009, s.p).

Refletindo nesta articulação entre os saberes e os conhecimentos, entende-se que o currículo deve ser planejado e elaborado conforme a proposta pedagógica escolar, pensando na criança como o centro do processo de ensino, levando em consideração que ela é sujeito que pensa, levanta hipóteses, é formada por diferentes linguagens e tem o lúdico como seu principal instrumento no processo de aprendizagem. Paraíso (2007, p.9) argumenta que “o currículo acontece na cultura, no cotidiano e também na mídia” então, pode – se dizer que o currículo está em todas as partes, fazendo parte da vida das crianças e, ainda, “ele ocorre também na mídia porque o currículo está na mídia assim como a mídia está no currículo” (PARAÍSO, 2007, p.9). Sendo assim, não há como retirar as mídias do contexto de um currículo, pois ambos estão presentes no cotidiano escolar. Sendo o currículo um documento que tem como característica a flexibilidade, as mídias podem alterá-lo, atendendo as diferentes demandas sociais.

⁴ A Resolução Nº 5 de 17 de dezembro de 2009 fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Ao compreender a importância do currículo como um agente cultural e flexível, pode-se relacioná-lo às mudanças ocorridas dentro do processo educacional ao longo dos anos. Segundo Sibilía (2012, p. 209):

Assim, em contraste com aquele instrumental já antiquado que as escolas ainda insistem em desdobrar, parecem ser mais eficazes as novas formas de nos amarrar aos circuitos integrados do universo contemporâneo – embora essas novidades certamente sejam mais sutis, elegantes e divertidas.

Segundo Pereira (2011, p. 15) o processo educacional deve ser renovado sempre “além de muita flexibilidade para romper com métodos e metodologias do passado, inovando suas estratégias por meios das tecnologias disponíveis na Era do Conhecimento.”

Sendo assim, a flexibilidade do currículo deve contemplar a curiosidade das crianças, a cultura, o interesse pelos instrumentos tecnológicos, tornando a aprendizagem mais atrativa. Portanto, deve-se sempre instigar a criança a investigar sobre as possibilidades que estes instrumentos proporcionam na busca do conhecimento e como elas podem manuseá-los.

Para Coutinho (2009), estamos vivendo uma nova forma de sociedade originada de um mundo globalizado, e para tal, “o denominador comum é o reconhecimento do papel dos novos média tecnológicos (os média do conhecimento)” (COUTINHO, 2009, p. 126). Ainda segundo Coutinho (2009) as tecnologias educativas e currículo andam lado a lado, apresentando uma ideia sobre o surgimento de um novo formato de educação. E assim, pode-se dizer que o ponto de encontro das tecnologias educativas com o currículo se dá no momento da concretização de uma mesma finalidade, sendo essa relacionada à meta que se deseja alcançar. Isto acontece quando a tecnologia analisa e investiga o currículo buscando a concretização dos objetivos propostos e articulando sempre com a perspectiva curricular.

Enfim, pode-se concluir que o currículo na educação infantil, nos dias atuais, deve nortear o trabalho pedagógico com todas as linguagens, dentre elas a digital. Ao trabalhar as mídias na educação infantil é preciso situar as crianças no tempo

histórico em que estão inseridas e também possibilitando que todas tenham a oportunidade de usar materiais e instrumentos modernos.

4 - TECENDO METODOLOGIAS PARA O TRABALHO COM A TECNOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Com a presença das mídias tecnológicas na vida das crianças, a escola se encontra diante de grandes desafios e, para tentar solucioná-los da melhor maneira, é preciso oferecer um potencial pedagógico que proporcione uma aprendizagem que supra as necessidades e curiosidades delas.

Nessa perspectiva, a melhor forma de ensinar é aquela que propicia aos alunos o desenvolvimento de competências para lidar com as características da sociedade atual, que enfatiza a autonomia do aluno para a busca de novas compreensões, por meio da produção de ideias e de ações criativas e colaborativas (PRADO, 2009, p. 51).

Para que um plano de ação seja eficiente durante a sua execução, é preciso envolver a criança no processo de ensino aprendizagem. Porém, antes é necessário conhecer sobre o currículo na educação infantil e as suas possibilidades. Após isto, fazer um bom planejamento que valorize a criança na sua plenitude, assim como também as práticas pedagógicas realizadas na instituição de ensino, é imprescindível para que os resultados após o plano de ação sejam satisfatórios.

A linguagem digital é vista como uma nova forma de ensinar que vem ao encontro de uma demanda atual no meio educacional. Por isto este plano de ação visa a ser o mais fiel possível a essa demanda. O essencial é respeitar o estilo de trabalho do professor e apoiá-lo no sentido de dar-lhe suporte para desenvolver as atividades propostas e tomar consciência de que é possível romper com as barreiras disciplinares e, ao mesmo tempo, dar ao aluno a oportunidade de ser sujeito de aprendizagem.

A partir da análise do currículo da instituição escolar, observa-se que os planejamentos procuram respeitar as orientações descritas no documento que rege a educação infantil do município. Após este primeiro momento, para conhecer um pouco do trabalho sobre a linguagem digital desenvolvido por professoras da UMEI Heliópolis, foi elaborado um questionário que aborda o conhecimento que elas têm sobre as linguagens apresentadas nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte, e, também uma reflexão sobre o papel do professor diante

da linguagem digital; como são realizadas as suas práticas pedagógicas: a linguagem digital auxilia ou não o processo de alfabetização? E o que pode prejudicar o desenvolvimento de atividades relacionadas às mídias. Para conhecer o acervo de mídias existentes na Instituição, um levantamento de instrumentos tecnológicos foi feito com o intuito de serem usados durante atividades posteriormente desenvolvidas com as crianças. E por último, foram desenvolvidas atividades junto com as crianças de uma turma de quatro a cinco anos, contemplando tais recursos com fins de desvencilhar dos métodos tradicionais do processo de aprendizagem.

4.1 – Refletindo Sobre as Práticas Docentes

Para início de pesquisa, foi elaborado um questionário abordando sobre as práticas docentes na UMEI Heliópolis relacionadas à linguagem digital. Com o intuito de propiciar momentos de diálogo a respeito da linguagem digital e sua contribuição para o processo de aprendizagem, foram selecionadas seis professoras, todas trabalham no turno da tarde. O critério da seleção das mesmas ocorreu devido ao fato de que elas se encontram fora de sala em um mesmo horário. A discussão e o preenchimento do questionário aconteceram durante o horário de projeto, momento em que as professoras têm para planejar suas aulas, discutirem sobre temas relacionados à escola e onde acontecem trocas de experiências pedagógicas. Todas procuraram articular suas respostas baseando-as nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte, que é o principal documento que rege essa modalidade de ensino na rede pública municipal.

Para começar, foi perguntado a elas há quanto tempo são professoras da Rede municipal e qual o recorte etário da turma a qual leciona.

- Professora A: trabalha na rede municipal há cinco anos e oito meses e leciona em uma turma de cinco a seis anos:

- Professora B: está na rede municipal há sete anos, trabalha com crianças de três a quatro anos:

- Professora C: está na rede municipal há nove anos, trabalha com crianças de manhã, de três a quatro anos e à tarde crianças de um a dois anos:

- Professora D: está na rede municipal há dois anos e trabalhando com crianças de manhã no berçário e à tarde com crianças de quatro a cinco anos;

- Professora E: trabalha na rede municipal há dois anos e meio, com crianças de quatro a cinco anos;

- Professora F: trabalha na rede municipal há sete anos, com crianças de quatro a cinco anos.

Como o tempo de serviço na Rede é diversificado, assim como a faixa etária em que lecionam são diferentes, cada uma mostrou uma visão especial sobre o tema.

Ao serem indagadas se já estudaram ou leram as Proposições Curriculares para a Educação Infantil, as respostas não foram diferentes:

- Professora A: sim

- Professora B: parcialmente

- Professora C: sim

- Professora D: sim

- Professora E: sim

- Professora F: sim

Entre as professoras, cinco já leram e/ou estudaram as Proposições Curriculares para a Educação Infantil, somente uma leu parcialmente este documento.

Em relação ao conhecimento que elas têm sobre as múltiplas linguagens propostas nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil, as respostas diferem um pouco:

_ Professora A: As proposições citam as linguagens que devem ser trabalhadas na Educação Infantil;

_ Professora B: O currículo da educação infantil da PBH é composto por diversas áreas/linguagens;

_ Professora C: Que a criança está inserida no mundo onde as múltiplas linguagens são trabalhadas o tempo todo;

_ Professora D: É através do desenvolvimento das múltiplas linguagens que a criança se comunica e se expressa para construir novos conhecimentos;

_ Professora E: Compreende um novo jeito de entender o currículo a ser trabalhado, entrelaçando os saberes das várias linguagens numa maneira mais dinâmica, gestual, harmônica, oral e escrita;

- Professora F: linguagem musical, arte, oral, matemática e corporal.

Em síntese, percebe-se que, algumas professoras responderam a questão acima de forma teórica, refletindo um pouco mais sobre as múltiplas linguagens, enquanto que, outras foram mais sucintas somente exemplificando algumas dessas linguagens. Porém, acredita-se que as professoras têm uma concepção diferenciada sobre as linguagens mesmo não explicitando claramente sobre elas. Segundo as respostas, não dá para perceber se o grupo de docente segue uma mesma linha de ensino e/ou a escola procura direcionar sistematicamente o trabalho com as linguagens. Não se pode dizer que haja um conflito entre as respostas, somente que não há uma articulação concreta entre elas, o que talvez, possa desfavorecer o desenvolvimento de um trabalho mais focado nas linguagens. Mas todas entendem que as Proposições Curriculares norteiam o trabalho a ser feito junto com as crianças, valorizando-a no meio em que está inserida e oportunizando a ampliação do conhecimento através das sete linguagens descritas no documento.

Sobre a linguagem digital, foi perguntado a elas qual é a importância dessa linguagem na educação infantil. As respostas foram as seguintes:

- Professora A: As crianças estão tendo contato com a tecnologia em todo o tempo. Os brinquedos estão cada vez mais modernos. A escola precisa acompanhar este desenvolvimento e usar a tecnologia a favor da aprendizagem escolar;

- Professora B: É fundamental pensar nesta linguagem numa sociedade essencialmente digitalizada e ou tecnológica;

- Professora C: É importante porque a sociedade como um todo está inserida nesta linguagem e as crianças também;

- Professora D: É uma forma de interação da criança com o mundo e a tecnologia cada vez mais ampliada;

- Professora E: A infância de hoje é diferenciada e as crianças desde cedo é influenciada pela tecnologia. É preciso valorizar a interação dos alunos com os novos meios de comunicação;

- Professora F: Hoje é algo que já faz parte da rotina das nossas crianças e é importante a escola se apropriar deste rico recurso para melhorar a aprendizagem.

No que se refere à principal linguagem em estudo, a digital, as professoras reconhecem a sua importância. Consideram que a infância de hoje adquiriu novos hábitos, seja na área da diversão e também no processo ensino aprendizagem. Com todo este aparato a escola precisa acompanhar esse desenvolvimento e usar a tecnologia em favor da aprendizagem escolar. Nesse sentido, é possível ver que as professoras respondem na mesma direção daquilo que está proposto nas Proposições Curriculares.

As respostas das professoras somente confirmam o que Prado diz: “sob esse enfoque, o papel da tecnologia pode ser um aliado extremamente importante, justamente porque demanda novas formas de interpretar e representar o conhecimento” (2009, p. 52).

Quanto ao papel do professor frente à linguagem digital, reconhecendo que ela é tão presente na vida das crianças, as professoras citam o que deve ser feito:

- Professora A: O professor deve buscar conhecimentos a respeito dessa linguagem e deve servir de mediador entre a tecnologia e o aluno. Ele também deve criar estratégias para que essa linguagem seja inserida na escola;

- Professora B: ser mais uma vez mediador nesta interação entre a criança e a tecnologia:

- Professora C: se interar para usar em suas aulas;

- Professora D: Propiciar espaços para que isso aconteça de forma lúdica;

- Professora E: Buscar informação para saber explorar essa linguagem e acessar os mecanismos favoráveis à inserção dos alunos com as novas tecnologias;

- Professora F: Ele é mediador buscando ampliar as possibilidades para o uso deste recurso.

O papel do professor é muito importante no processo de ensino. Todas concordam que ele é o mediador ente a criança e o uso dessa tecnologia, mas também é necessário que ele esteja sempre atualizado para explorar este recurso.

O professor precisa ficar atento para que os alunos façam registros do processo de construção do conhecimento de modo a acompanhá-los, assessorá-los e promover reflexões e avaliações contínuas do processo. (ALMEIDA, 2009, p. 75).

É muito importante que o professor tenha a sensibilidade e entendimento ao reconhecer que o ato de ensinar é muito mais do que repassar o conhecimento, e sim, dar à criança a oportunidade de reelaborar o conhecimento, possibilitando a ela uma atuação como sujeito do processo de ensino aprendizagem. Ao mediar este processo, o professor deve desenvolver novas habilidades, buscar uma nova postura, valorizando sempre a criança e também motivando-as. Pois a motivação é de suma importância no desenvolvimento da criança. Sendo assim, professores e alunos (crianças) devem ser parceiros no processo de construção do conhecimento, pois quem ensina aprende; e quem aprende ensina.

E neste processo de via dupla, ensinar e aprender, mais do que simplesmente usar os recursos em sala de aula, pensar em como a tecnologia pode contribuir para a aquisição da alfabetização é importante. Questionadas se linguagem digital podem auxiliar positivamente o processo de alfabetização, as professoras deram as seguintes respostas:

- Professora A: Sim. Existem muitos “aplicativos”, jogos que estimulam a criança. Esta é uma forma atrativa de ensinar. Porém, a escola deve oferecer recursos;

- Professora B: Sim. Como uma ferramenta atrativa e interativa;

- Professora C: Sim. Através de jogos e atividades;

- Professora D: Sim;

- Professora E: Sim. A criança é curiosa por natureza e a linguagem digital pode estimular por meio do lúdico e da interação com os recursos audiovisuais que ela oferece;

- Professora F: com certeza, há vários jogos e atrativos que facilitam o aprendizado para essa criança.

A linguagem digital assume uma parte importante no processo de alfabetização. Para as professoras, os instrumentos tecnológicos agem como ferramentas mais atrativas e interativas durante a aprendizagem.

A Resolução que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), versa no seu artigo 9º, inciso XII, que:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

Ao refletir sobre a relação da tecnologia e da alfabetização, percebe-se que todas se direcionam a um mesmo alvo: um ensino prazeroso, porém apresentando uma aprendizagem bastante significativa. Isto se deve ao fato de que os recursos tecnológicos, como mencionado pelas professoras, contribuem para um bom desempenho da criança, pois apresentam um leque de atividades infantis como jogos, visto que, através do lúdico e das interações as crianças conseguem assimilar de uma forma concreta o que aprendeu. Assim é importante incluir tais materiais nos planejamentos.

Foi perguntado às professoras se elas incluem a linguagem digital em seus planejamentos e que tipos de atividades são desenvolvidas. As respostas foram:

- Professora A: Ainda não;
- Professora B: Sim. Através de vídeos;
- Professora C: Sim. Assistir vídeos no notebook, DVD, protótipos de celular, teclado de computador, fotografia...;
- Professora D: não;
- Professora E: É uma proposta. Atividades como: roda de conversa: fazer levantamento do conhecimento prévio sobre meios de comunicação; brincar com aparelhos eletrônicos livremente; possibilitar acesso ao uso do teclado e computador como jogos (via internet);
- Professora F: Às vezes. Ao utilizar o computador para buscar pesquisas para exemplificar o trabalho em sala.

Percebe-se que a inclusão da linguagem digital nos planejamentos ainda tem muito que evoluir. Duas professoras não incluem. Uma, às vezes. Duas planejam. E para professora E, é uma proposta a realizar. Exemplos de atividades desenvolvidas por elas são, na sua maioria: assistir vídeos na TV e no notebook, DVD; brincadeiras com protótipos de celulares, teclado de computador, fotografias, jogos, etc. Refletindo sobre as respostas desse item, percebe-se que as professoras

conhecem as Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte e reconhecem a importância das linguagens para o desenvolvimento da criança, mas quando indagadas se incluem ou fazem a relação da linguagem digital em seus planejamentos nota-se que pouco aprofundam na linguagem digital. Para elas, o simples fato de tirar uma foto dos alunos e/ou fazerem pesquisas virtuais (para enriquecer a prática docente) significa que a tecnologia já está inserida no contexto infantil.

Ao refletirem sobre o que elas entendem por alfabetização digital, as respostas foram:

- Professora A: É aprender a utilizar os recursos digitais, a tecnologia;
- Professora B: Utilização de ferramentas digitais que auxiliem o processo de alfabetização;
- Professora C: É quando você faz uso da tecnologia sabendo usar os seus recursos;
- Professora D: usar todas as potencialidades do computador, aprender a usar as informações, aprender a se comunicar, aprender a aprender;
- Professora E: É um recurso a mais disponibilizado ao professor;
- Professor F: São jogos que levam o aluno a um melhor entendimento sobre o que for trabalhado, dentre outros.

Com as respostas, entende-se que ainda há muito o aprender sobre a linguagem digital no processo de alfabetização. Há uma necessidade de ir além de vídeos e computadores, refletindo mais profundamente, buscando mais conhecimentos sobre como acontece a aquisição da linguagem oral e escrita através das tecnologias.

Para fazer um trabalho sistematizado usando instrumentos tecnológicos, é de suma importância ter variedades que possibilitará a realização de um trabalho de qualidade. Mas o que pode impedir uma professora de realizar tal tarefa? Eis as respostas:

- Professora A: A falta de recursos materiais e espaço apropriado na escola;
- Professora B: nada a impede
- Professora C: Trabalha de maneira bem menor que deveria, pois a escola não disponibiliza recursos;

- Professora D: materialidade adequada;
- Professora E: Falta recursos tecnológicos disponíveis nas escolas como, por exemplo, criar um espaço (sala) para esse fim;
- Professora F: nada a impede.

Analisando as respostas acima, pode-se dizer que, a falta de recursos é o principal empecilho para que as professoras desenvolvam um trabalho mais elaborado com as crianças. A falta de um espaço adequado foi mencionada como algo que prejudica o trabalho. Porém, qualquer lugar pode se tornar um espaço em que a aprendizagem pode acontecer. Como afirma Ribeiro (2012, p.9) “as tecnologias permitem o transbordamento dos espaços, ao ponto deles se tornarem indefinidos”. Sendo assim, o professor deve ser criativo e aproveitar o que ele tem nas mãos e procurar ofertar às crianças um ensino de qualidade.

Quando questionadas se procuram aperfeiçoar, estando sempre atualizadas sobre o uso das tecnologias, foram as seguintes repostas:

- Professora A: Sim;
- Professora B: Sim. Dentro das limitações e conhecimentos;
- Professora C: Lentamente;
- Professora D: Sim. Porém, precisa de uma reciclagem para ampliar os conhecimentos, uma vez que as mudanças tecnológicas são muito rápidas e constantes;
- Professora E: Sim. Por meio de leituras e pesquisas que mostrem essa experiência;
- Professora F: Pouco. É um pouco devagar no computador, tablet.

Cada uma, a sua maneira procura se aprimorar, buscando meios que oferecem uma atualização sobre as tecnologias. Vale ressaltar que as professoras vêm de uma geração onde muitas vezes o ensino estava ligado somente a livros. O que não acontece nesta geração, onde as crianças têm um amplo leque que favorece a aprendizagem. Hoje as crianças ganham de presente objetos tecnológicos e sabem lidar de forma excepcional com eles. Essa diferença entre as gerações faz com que os professores busquem se qualificar a cada dia para atender a demanda de crianças nativas tecnologicamente. O aluno exige que o professor

saiba mais, mas, não é somente durante o ensino, porém, também, nos momentos de diálogos entre eles.

Refletindo sobre as respostas dadas no questionário, percebe-se que ainda há muito a se realizar para que a prática docente valorize o processo de letramento em si. A linguagem digital precisa ainda ser trabalhada com as professoras, estimulando-as a irem além de uma simples sessão de vídeos ou fotos. É preciso que as atividades desenvolvidas sejam relacionadas às demais linguagens. Para Coscarelli (2011, p. 26) “antes de usar o computador em suas aulas, o professor precisa saber que concepção de ensino-aprendizagem ele pretende adotar.” Todo ensino deve apresentar uma intencionalidade, não adianta somente usar certos recursos para “dizer” que está atualizado. O professor tem que pensar, refletir e procurar inserir em seus planejamentos recursos que realmente terá um significado para o processo de aprendizagem. Almeida (2009, p.71) aponta que “as tecnologias de informação e comunicação são usadas para expandir o acesso à informação atualizada”. E nessa amplitude de possibilidades que a tecnologia oferece, a relação professor /aluno tende a consolidar devido a interação durante o desdobramento das atividades. Assim como afirma, ainda, Almeida (2009, p.71) “principalmente para promover a criação de ambientes de aprendizagem que privilegiam a construção do conhecimento, a comunicação”.

A linguagem digital não pode ser trabalhada isoladamente, o conhecimento se entrelaça com as diversas formas usadas para adquiri-lo.

Precisamos compreender a realidade em que atuamos e planejar a construção de novos cenários, novos saberes, com as novas tecnologias e aprender a lidar com a diversidade, a abrangência e a rapidez de acesso às informações, com novas possibilidades de comunicação e interação, novas formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento. (BASTOS, 2008, p. 19)

O campo tecnológico é um leque de possibilidades aberto à novas respostas para antigas perguntas. Basta que o professor tenha uma visão aberta para um novo horizonte que se desponta na área educacional.

O que precisamos fazer é acreditar que a escola pode ser diferente, divertida, que ela não é o lugar das informações prontas, nem das verdades

absolutas. Ela é o lugar de construir, questionar, pensar, enfim, colocar em prática a velha história de aprender a aprender. (COSCARELLI, 2011, p. 39)

A escola mudou, não há como negar. É imprescindível que as práticas pedagógicas também evoluem atendendo uma nova perspectiva do corpo discente. Tornando as atividades mais dinâmicas e interativas.

4.2 – A UMEI e os Instrumentos Tecnológicos

Para trabalhar a linguagem digital é necessário que haja instrumentos que proporcionem um desenvolvimento das práticas pedagógicas. Tais instrumentos permitem o uso variado dos mesmos, oportunizando que as crianças e professores tenham a liberdade de manuseá-los conforme a necessidade e atividades a serem realizadas.

Após uma pesquisa na instituição de ensino, UMEI Heliópolis, foi feita uma lista de instrumentos tecnológicos que podem auxiliar positivamente o processo de alfabetização das crianças. São eles:

- *MICROFONE*: é um instrumento já muito conhecido. “É um aparelho que transforma as ondas sonoras em energia elétrica, servindo para transformação ou ampliação dos sons” (XIMENES, 2001, p. 584)

O uso do microfone permite trabalhar atividades fonológicas com as crianças. O trabalho de consciência fonológica estimula o desenvolvimento das habilidades de escuta e atenção, primeiramente dos sons como o rugido do leão, do gato, de telefone, de uma porta se abrindo, de carros, ambulância, dentre outros. Após estas atividades sonoras, inicia-se a aplicação com músicas (que são textos), partindo daí para as partes menores até os fonemas. Como afirma as Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte (2009, p.251) quanto mais se explora as práticas que envolvem oralidade, melhor será para o desenvolvimento das capacidades e habilidades das crianças. E o principal é o elo de todas as linguagens durante o desenvolvimento da atividade, que é essencial na educação infantil. Ao trabalhar a voz (oralidade), integrando seja a música e/ou uma história com a tecnologia, está possibilitando que as crianças ampliar o seu universo sonoro,

corporal e também imaginário que vai muito além de um simples planejamento, já que quem dita o caminho que a atividade deve seguir é a própria criança.

O microfone é um instrumento de fácil aceitação entre as crianças, todas querem cantar, falar, contar casos e histórias. Elas gostam de ouvir a suas vozes e também dos colegas. E o legal nesta atividade é que elas aprendem umas com as outras de forma descontraída e muito significativa. Segundo São Paulo (2008, p.83) “dar voz à criança é permitir que ela faça escolhas,[...] oferecendo-lhe um ambiente de exercício de autonomia e liberdade de expressão”. Esse momento de interação com o microfone é muito importante, pois ao escutar a sua própria voz, a criança tende corrigir espontaneamente alguns erros de pronúncia, e, também tem as demais crianças que ao escutarem uma palavra errada, no exato momento, corrigi o amigo espontaneamente.

_ TELEVISÃO COM ENTRADA USB E DVD: A princípio é um aparelho normal que também está presente nas residências das crianças. “é um aparelho de transmissão e recepção de imagens animadas por meio de sinais eletromagnéticos.” (XIMENES, 2001, p. 832).

A televisão deixou de ser um simples aparelho que divertia as crianças. Além da diversão este instrumento possibilita a elas escolherem qual é o filme que querem ver. No momento em que estão escolhendo, elas estão lendo as imagens contidas nas capas do DVD. Algumas crianças já iniciam as leituras das letras e conseqüentemente, da escrita dos nomes dos filmes. Durante este momento também acontece uma discussão entre as crianças, cada uma defende o filme que quer ver, com a mediação do professor. É importante deixar que elas tenham este momento de interação, pois ao defender diante dos demais colegas o porquê da escolha, as crianças criam hipótese, oportunizando que a linguagem oral se desenvolve, e, também, neste momento geralmente há possibilidades da ampliação do vocabulário.

_ RÁDIO: É um aparelho de escuta. “aparelho transmissor ou receptor de sinais radiofônicos.”(XIMENES, 2001, p. 727). Também é um instrumento que permite a realização de um bom trabalho fonológico e a ampliação do vocabulário obtido

através das audições de músicas e histórias. É muito útil para trabalhar o desenvolvimento da atenção das crianças, pois não está ligado diretamente ao campo visual, sendo assim, requer mais concentração das crianças, pois ela tem que construir na memória o que as palavras estão naquele momento descrevendo. Dentro da alfabetização isto se torna essencial. Por exemplo, a música “o sapo não lava o pé”, ao cantar, a criança imagina o ambiente onde o sapo está, muitas vezes, descreve detalhes que fazem sentidos somente para ela e a partir dessa construção de palavras orais o seu vocabulário faz a relação de uma palavra com outras, exemplificando, sapo/sabão; lagoa/lado; além de rimas finais das palavras sapo/papo, etc. Segundo São Paulo (2008, p.83) “um aparelhinho de som instiga a curiosidade da criança e pode torna-se um objeto de aprendizagens” e ao explorar tal objeto ela constrói o seu conhecimento acerca do que a tecnologia pode lhe oferecer. Afinal, como o som pode sair de um cd ou do próprio radio e ser ouvido. Ainda como São Paulo (2008, p. 83) essa possibilidade de manuseio do aparelho de som, a escolha do cd e das músicas provoca uma investigação que irá resultar em novos conhecimentos. E este mundo sonoro e mágico possibilitará diversas formas de ressignificar à aprendizagem de forma que ela traga o mundo abstrato infantil para o mundo concreto.

_ AUDIO VISUAL: “diz-se do método pedagógico que emprega recursos sonoros e visuais, como filmes, músicas, etc.”(XIMENES, 2001, p. 93). É um recurso tecnológico que, pode-se dizer, engloba a televisão e o rádio. As atividades que usam tal recurso permite que as crianças podem de certa forma ampliar o mundo de faz de conta, de forma que, depois de assistir um filme em tela grande, elas imitem os personagens nas suas falas, no modo de agir, cantam as músicas dos filmes. Também há possibilidades de trabalhar atividades de punho fonológico e claro, ampliar o vocabulário e linguagem oral e posteriormente a escrita.

_ NOTEBOOK: “microcomputador portátil um pouco maior e mais pesado que o laptop.” (XIMENES, 2001, p. 617). É um instrumento que permite o acesso à internet. Ao acessar a rede há possibilidades de realizar atividades virtuais nos sites infantis que permite a aquisição da alfabetização de forma bem prazerosa. São sites

que privilegiam atividades da linguagem oral, escrita, matemática, musical, entre outras. Também a escrita de palavras usando o teclado para digitar auxilia a construção da escrita, primeiramente ela identifica as letras e depois tenta construir várias palavras usando as mesmas letras. Então ela percebe que o alfabeto é um leque de possibilidades e que o nosso vocabulário é formado por diversas palavras. E para escrever uma palavra há uma necessidade de prestar atenção nos sons das palavras.

_ CÂMERA FOTOGRÁFICA: Permite às crianças fotografarem tudo o que chamam atenção delas. Ao fazer o uso de uma câmera fotográfica, a criança faz uma leitura diferenciada do mundo que a cerca, emprestando a sua sensibilidade ao ver o mundo de uma outra maneira que os adultos. Assim como afirma São Paulo (2008, p.81) “é aprender a ver a arte de outro ponto de vista e trazer para as discussões do cotidiano as diferenças e peculiaridades de cada um”. As crianças se tornam apreciadoras, fazendo uma interpretação para aquilo que veem de uma forma tão única, emprestando suas emoções e criando suas próprias histórias, além de compartilharem um mundo cheio de simbologias. Ainda como São Paulo (2008, p. 84) “sob olhar curioso da criança, essas imagens trazem novas formas de interação”, isto possibilita a troca de experiências entre todos da turma, através de relatos orais ao descrever as imagens escolhidas. Atividades como esta também podem ser realizadas para que, depois de reveladas as fotos, as crianças possam criar textos, palavras e até músicas que expressam seus sentimentos. Ao fazer a leitura de uma imagem, há a possibilidade de desenvolver a oralidade e o raciocínio lógico sequencial de fatos, que, conseqüentemente, irá de encontro com a linguagem escrita.

Além de fotografar, atividades de filmar também possibilita a aquisição da alfabetização, porque quando estão filmando, as crianças trabalham a sensibilidade de ver e ouvir o outro.

Explorar ao máximo as potencialidades dos recursos tecnológicos em prol do desenvolvimento das crianças se faz muito necessário, visto que, eles nos oferecem uma infinidade de possibilidades em práticas pedagógicas.

Vale ressaltar que ao proporcionar às crianças o contato com as tecnologias, nesse momento, é permitido a elas a oportunidade de acesso aos gêneros textuais digitais⁵, que se definem conforme a sua condição social. Hoje podemos dizer que os gêneros mais comuns são: e-mail, o facebook, o twitter, as salas de bate papo e os blogs. É interessante a comparação que Marcuschi⁶ (2002, p.14 e 15) faz em relação aos gêneros:

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	E-mail	Carta pessoal // bilhete // correio
2	Bate-papo virtual em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
3.	Bate papo virtual reservado	Conversações duais (casuais)
4	Bate-papo ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados?)
5	Bate-papo virtual em salas privadas	Conversações (fechadas?)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	Aula virtual	Aulas presenciais
8	Bate-papo educacional	(Aula participativa e interativa???)
9	Vídeo-conferência	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	Lista de discussão	Circulares/ séries de circulares (???)

Os hábitos se modificaram para acompanhar as inovações presentes na vida das pessoas. Isto é muito bom, porque a forma de trabalhar a alfabetização também se inova apresentado um formato mais suave e eficiente de ofertar o ensino, quando articulado a recursos variados, particularmente aqueles que despertam o interesse infantil.

⁵ Gêneros textuais digitais é uma adaptação dos gêneros já existentes às tecnologias encontradas atualmente. <http://ideiacursospreparatorio.blogspot.com.br/2010/06/generos-textuais-digitais.html> - Acessado:08/04/15

⁶ Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002. - Luiz Antônio Marcuschi - Universidade Federal de Pernambuco

4.3 – Práticas Pedagógicas em Ação

Ao se falar em inovações, transformações e mudanças seja no âmbito social, pessoal ou profissional, percebemos como esses atos envolvem os adultos, as crianças e instituições diversas.

Entre tantas instituições, este plano de ação irá destacar a escola, especificamente a Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte – UMEI Heliópolis. As unidades infantis atendem crianças de 5 (cinco) meses a 5 (cinco) anos e oito meses de idade. São planejadas para ser um ambiente acolhedor e possibilitar um trabalho com atividades lúdicas que envolvam as sete linguagens descritas nas Proposições Curriculares de Belo Horizonte. Conforme relatam as Proposições é “por meio das linguagens que a criança comunica e se expressa para construir novos conhecimentos, dar significados e se apropriar do mundo” (BELO HORIZONTE, 2009, p.46). Esta junção entre as linguagens possibilita explorar as capacidades infantis e ao mesmo tempo auxilia o desenvolvimento das habilidades de cada criança, respeitando o seu tempo e espaço. A linguagem se expressa de diversas formas, como por exemplo:

Uma imagem retirada da internet, um desenho realizado no papel, no computador, na areia, na terra, a produção de um vídeo, um filme, um desenho animado, o cinema mudo, o teatro de sombras, a palavra escrita ou falada são linguagens que permitem diferentes modos de observar e de expressar (SÃO PAULO, 2008, p. 19).

Todas as linguagens são essenciais no contexto escolar, mas ressaltaremos aqui a linguagem que se refere às tecnologias, ao mundo das mídias e que hoje é habitual entre as crianças. Ainda segundo São Paulo (2008, p.80) o diálogo entre as múltiplas linguagens e as tecnologias se direciona para um ambiente produtivo promovendo à aprendizagem inúmeras possibilidades de exploração.

A linguagem digital, dentre outras, oportuniza o conhecimento de mundo e uma aprendizagem de forma prazerosa, motivo este que me levou a uma reflexão sobre como os instrumentos tecnológicos podem contribuir para o processo de alfabetização e letramento das crianças na educação infantil. Assim podemos entender o que diz a Resolução Nº 5 de 17 de Dezembro de 2009, em seu artigo 9º, inciso XII, sobre a garantia do manuseio de instrumentos tecnológicos diversificados

como: gravadores, máquinas fotográficas, dentre outros. Quando se fala em crianças pequenas dessa faixa etária, em alguns momentos se tem a ideia de que elas trazem pouca bagagem de vivência, porém, a cada momento nos surpreendemos com a relação que elas têm com esse mundo tecnológico. Para evidenciar essa relação das crianças com a linguagem digital, o primeiro passo do plano de ação foi uma brincadeira seguida de uma conversa com os alunos de uma turma de crianças na faixa etária de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos e oito meses de idade, sendo em um total de 21 (vinte e um) alunos, no turno da tarde. Todos já tinham dois anos de escolaridade.

A atividade começou com todos sentados em roda, iniciamos uma brincadeira de telefone sem fio com a seguinte expressão “eu@umei.com.br”. Foi um momento de descontração e muitos sorrisos. As crianças não conseguiram repassar a frase corretamente, chegando para a última criança como: “eu estudo na UMEI”. Ao serem indagadas sobre a frase, as crianças disseram que não sabiam falar a palavra arroba (@), desenhei o símbolo no quadro e perguntei se alguém já havia visto este desenho em algum lugar. Três crianças disseram que já conheciam, porém, nem elas e nem as outras souberam representá-lo no papel, somente relacionaram à letra A. Ainda, todas já ouviram a expressão “com.br” mas não tinham a ideia como era escrito e nem para que servia.

Nesse ato de brincar, houve a possibilidade de trabalhar a oralidade. É muito importante oportunizar situações como estas, pois de acordo com as Proposições Curriculares de Belo Horizonte “a linguagem oral apresenta uma inesgotável riqueza de múltiplos valores” (BELO HORIZONTE, 2009, p. 232). A oralidade permite à criança ampliar o seu repertório de forma que apresente uma significação direta e única para ela. Ao mesmo tempo em que, a brincadeira envolve todos da turma, ela singulariza o modo de ser de cada criança, dando a ela suas características. A partir desse momento, usando o recurso da oralidade, foi dada a oportunidade para que todos pudessem expor seus conhecimentos a respeito da tecnologia. A conversa foi bastante produtiva. Algumas crianças falaram, a princípio, que tecnologia era o computador e o tablet. À medida que elas traziam suas ideias, eu explicava que as transformações que visavam uma boa qualidade de vida do ser humano estão relacionadas ao mundo tecnológico, assim como o surgimento do lápis e do

caderno. As crianças iam fazendo suas relações com objetos que já viram ou que possuem. Foram citados nomes de instrumentos como o rádio do carro do papai, a televisão, o mp4, o robô do Ben 10, dentre outros. Uma das meninas quis saber o que aconteceria no mundo se não existisse a tecnologia. As hipóteses foram muitas, entre elas, que o mundo acabaria, que a gente não teria computador, que não poderíamos escutar músicas e nem ter celular.

Deu para perceber que as crianças, à sua maneira, entendem o que é tecnologia e como ela está presente no mundo infantil. Porém, a intenção não era somente identificar e falar dos instrumentos midiáticos, mas, como estes recursos poderiam contribuir para o processo de aquisição da alfabetização. Os instrumentos relacionados à tecnologia sempre foram usados para facilitar de algum modo a vida das pessoas, portanto eles também seriam grandes recursos no processo de ensino aprendizagem. Como isto aconteceria? Como seria possível aliar estes instrumentos com a aprendizagem de crianças pequenas?

A princípio, depois do levantamento dos instrumentos existentes na instituição, procurei planejar atividades que fossem atrativas para as crianças e ao mesmo tempo, pudessem auxiliá-las durante o desenvolvimento do processo de alfabetização.

O primeiro passo foi explicar o que é tecnologia para as crianças, deixando bem claro que não são somente os computadores e tablets, mas tudo aquilo que sofreu transformação ao longo dos anos. Em seguida, expliquei que durante algum tempo iríamos trabalhar alguns desses instrumentos.

O rádio foi o primeiro a ser trabalhado. Ele é um instrumento que pode ser encontrado na maioria dos lares, em diferentes formatos. Como as crianças gostam de falar todas ao mesmo tempo, sem ter a preocupação em escutar o que o outro diz, procurei trabalhar com elas a percepção dos sons e da escuta. Inicialmente deixei que dançassem ao som de músicas mais agitadas. Deu para perceber que elas prestavam mais atenção ao ritmo do que na letra da música. Depois de certo tempo, coloquei músicas mais calmas. As crianças sentaram no chão para cantar, usei cds de músicas que instigam a concentração.

Aproveitei então para aplicar atividades fonológicas, como por exemplo, jogos de escuta. Este tipo de jogo estimula a percepção dos mais variados sons ao nosso

redor. É muito importante que as crianças desenvolvam a sua sensibilidade auditiva e a concentração para distinguir as diferenças e semelhanças entre os sons. O assoviar, o tossir, estalar os dedos, imitação dos sons dos animais, buzina de carro, abrir e fechar de porta, enfim, são exemplos de sons do cotidiano e que em alguns momentos não são percebidos pelas crianças. Este é um trabalho contínuo a ser feito, mas que irá auxiliar a percepção dos sons das palavras fazendo a co-relação com demais palavras que tenham o som inicial ou final (rimas): LAdo – LAta; baLA – moLA, etc. Foi solicitado que elas fechassem os olhos por algum tempo, com o objetivo de que falassem qual era o som escutado e o objeto que produzia tal som. Para Adams (2006, p. 32) este tipo de atividade apresenta dois propósitos importantes: “primeiro é o de familiarizar as crianças com [...] as dinâmicas das atividades antes de avançar nos jogos de linguagens mais difíceis” para que aos poucos, elas adquiram a compreensão e tenham a oportunidade de construir a sua própria escrita. E o segundo propósito é “introduzir a elas o desafio de ouvir com atenção” (ADAMS, 2006, p. 32). Um bom desempenho na aprendizagem não é somente escrever ou fazer registros, mas também desenvolver a sensibilidade auditiva, para isto, tem que haver atenção e concentração. Pois ao compreender as diferenças ou semelhanças entre os sons das palavras, na maioria das vezes, o registro irá se apresentar de forma convencional.

Dando sequência as atividades, foi a vez de usar o microfone. Como afirma São Paulo (2008, p.83) “a utilização do microfone [...] pode contribuir para [...] desenvolvimento da linguagem oral e para a ampliação do seu repertório.” Esse momento representou uma festa para as crianças. Elas queriam cantar, falar e contar histórias. A primeira tarefa era que cada criança contasse uma história para as demais. Para esta tarefa foram usadas figuras, a partir das quais o tema seria desenvolvido. Exemplo: uma nuvem, a história teria que contemplar esta palavra. Com esta atividade foi trabalhada a oralidade, a concentração e a sequência de fatos. Como eram muitas crianças, a turma tinha um total de 21 alunos, dividi a turma em quatro grupos de cinco, e um grupo ficou com seis integrantes. A primeira criança começava a história, as outras tinham que ficar atentas e concentradas para dar continuidade. Sete crianças conseguiram realizar a tarefa com êxito. Percebi que tais crianças são as mesmas que já estão em um estágio de desenvolvimento de

concentração mais elevado do que as outras. Assim também como a linguagem delas expressava um vocabulário mais amplo. É bom destacar que as frases ditas foram curtas, porém apresentando uma sequência lógica. Já quatorze crianças apresentaram dificuldades de vários aspectos. Entre elas pode-se destacar a falta de concentração sobre o tema e a dificuldade em iniciar uma história, e, também a falta de atenção na última fala e dando uma continuidade totalmente diferente. Por exemplo: a história era sobre o jacaré, o início foi tranquilo e quando chegou na terceira criança ela contou que o jacaré estava com dor na barriga, já a próxima descreveu uma nave do astronauta sem fazer menção ao jacaré. Outras dificuldades foram a timidez e a falta de interesse em realizar a atividade. Depois que todos falaram, contei uma história que envolveu as cinco figuras e procurei estimular todas as crianças a falar pelo menos uma palavra para dar sequência a história. Como descrevem as Proposições Curriculares para a Educação Infantil “as narrativas orais [...] são fundamentais, pois desenvolvem o raciocínio lógico, a ideia de tempo,[...] sequência como começo, meio e fim” (BELO HORIZONTE, 2009, p.253) que primeiramente se apresentam como algo abstrato, mas que aos poucos, vão se decodificando e conseqüentemente, a construção do registro escrito.



FIGURA 2: Brincando com o microfone. Fonte: Arquivos de Edilene Olimpio

A segunda atividade foi falar poesias. Assim trabalhamos rimas, o que auxilia o processo de alfabetização. Além das poesias, as músicas também são um bom recurso para trabalhar com as crianças, já que algumas delas apresentam rimas. Ao cantar, as crianças também puderam desenvolver a oralidade, a concentração (tinham que guardar as letras das músicas). Finalmente, trabalhamos a sonoridade das palavras, exemplificando, a água, qual é o som que ela produz, assim como o

sino, a chuva, o motor de carro, etc. E quando se fala ao microfone, a voz tende a sair um pouco diferente devido a equalização do som, que permite colocar a voz mais grave, mais fina e também devido as caixas sonoras que abafam um pouco a clareza do som. O que foi muito legal devido a possibilidade de brincar de forma prazerosa com a voz. Também foi trabalhado a tonalidade da voz alta, baixa, grossa, fina e o cochicho.

Dando prosseguimento ao planejamento, foi apresentado para a turma dois modelos de máquinas fotográficas: uma mais antiga (de filme) e outra digital. Muitos questionamentos surgiram em volta da máquina mais antiga, de como era usada, onde ficava o filme e como se revelava as fotos. Foram muitas as explicações até que uma aluna se lembrou de que o irmão dela tem uma máquina de tirar retrato de brinquedo. Daí, uma a uma foi lembrando que já tiveram ou já viram uma máquina semelhante. Foi muito interessante, pois o presente e o passado se encontram e partir daí, houve a oportunidade de contar histórias que mencionavam o tempo dos avós fazendo uma ligação com a nova geração. Apontei as principais diferenças, por exemplo, como obter um bom foco do objeto e porque muitas fotos “queimavam”, sendo que com a máquina digital isto não acontece. O objetivo dessa atividade era permitir que a criança apresente o seu olhar sobre o mundo, além disso, possibilita desenvolver noções temporais que são importantes na educação infantil.



FIGURA 3: Criança utilizando a máquina fotográfica digital. Fonte: Arquivos de Edilene Olimpio

Além disso, foi entregue uma máquina digital para algumas crianças e solicitado a elas que andassem pelo espaço interno da UMEI e fotografassem o que mais lhes chamasse atenção. Ferreiro (1991, p.103) enfatiza que, “um ato de leitura é

um ato mágico [...] uma linguagem que tem outras palavras e que se organiza de uma outra forma”. O resultado foi satisfatório. Com as imagens na máquina, instiguei as crianças a analisarem e dizerem para toda a turma qual o significado dessas fotos. Devido à rotina da instituição, não foi possível que todas as crianças realizassem esta atividade no dia planejado e não deu para retomá-la no dia seguinte. Mas para aquelas que não fotografaram, pedi que escolhessem uma das fotos e criassem, oralmente, uma história. Com todos já familiarizados com as fotos, foi feita uma escrita coletiva de palavras simples que tivessem uma relação direta com as mesmas e, posteriormente, uma história também coletiva tendo como tema uma foto escolhida por todos.

A escrita coletiva aconteceu da seguinte forma: primeiro, eu registrava no quadro as palavras relacionadas à foto, as quais as crianças falaram, em seguida, incentivei com que elas juntas, oralmente, criassem uma história bem bonita. A foto mais votada foi a do jardim da UMEI, no qual tem algumas flores. As palavras expressas pelas crianças foram: flor, rosa, grama, bonita, pedra, verde, minhoca, borboleta, cheirosa, etc. Algumas palavras foram mencionadas porque foram relacionadas ao jardim como um todo, exemplificando, borboletas. Eu fui a escriba da turma. Em uma folha A3 registrei a história, à medida em que as crianças falavam, fui fazendo as devidas concordâncias e correções. O texto ficou assim:

*A ROSA DA UMEI
A ROSA DA UMEI É VERMELHA
É MUITO BONITA
SEUS PÉS ESTÃO NA GRAMA
PERTO DA PEDRA AMARELA
A BORBOLETA VEM
BRINCAR COM ELA
PORQUE É MUITO CHEIROSA
SUAS AMIGAS ESTÃO AO SEU REDOR
CANTANDO: CIRANDA, CIRANDINHA.*



FIGURA 4: O olhar da criança para a rosa e a escrita da poesia. Fonte: Arquivos de Edilene Olimpio

Com todas as ideias já registradas e com o intuito de apresentar para as demais turmas, através de um mural a nossa história, pedi que as crianças reproduzissem o nosso texto coletivo. Todas tiveram a oportunidade de auxiliar a escrita coletiva. Elas também ilustraram a história. A máquina digital permite que a crianças tenha uma leitura diferente do mundo, um “olhar” mais apurado das imagens que estão à sua volta e, conseqüentemente, poderão registrar em um papel o que seus olhos conseguiram captar.

Já com os celulares, protótipos e aparelhos já usados, foi iniciada a brincadeira de diálogo, que é um tipo de jogo de escuta. Foi um momento livre, mas com uma intencionalidade de observar a capacidade das crianças em interagir nas variadas situações de comunicação oral, além de desenvolver a habilidade de ouvir e esperar a vez de falar, relatar a sequência de fatos presentes em uma conversação, elaboração e ordenação do pensamento. Usando da oralidade e entendendo que, para toda pergunta deve ter uma resposta, as crianças tiveram a possibilidade de ampliar o vocabulário de forma bem prazerosa.



FIGURA 5: Crianças e o celular. Fonte: Arquivos de Edilene Olimpio

Prosseguindo com as atividades, foi apresentado um instrumento digamos que é o maior de todos, que lembra um ambiente de descontração e de sonhos, um cinema. O áudio visual (data-show) já era conhecido porque é usado em algumas vezes na socialização⁷ da UMEI. Mas tê-lo em nossa sala fez uma diferença. As crianças fizeram uma seleção de filmes que gostariam de assistir e depois passando por uma apreciação, escolheram “Lifi – Uma galinha na selva”. Após assistir, fiz a proposta que alguém recontasse a história. Deixei na liberdade de quem sentisse vontade em expressar. Claro que, no início foram poucas as que se propuseram a realizar a tarefa, mas no decorrer, todas se sentiram à vontade para participar, o que foi muito enriquecedor. Um(a)s recontaram exatamente como aconteceu, enquanto que outras deram detalhes que foram além dos nossos olhos. Entende-se que então ali houve, com a participação de todos, uma interpretação pessoal e coletiva da história, sequenciação de fatos, observações de detalhes, exploração visual e elaboração de suposições que ajudam o desenvolvimento do raciocínio.

E no meio dessa tecnologia, onde os instrumentos estão cada vez menores e mais leves, levei uma máquina de escrever elétrica. Como já era de se esperar, as crianças ainda não tinham visto uma. Foi uma novidade para elas. Depois de uma breve explicação de como funcionava a máquina, foi permitido que as crianças pudessem digitar o nome. Para que isso fosse feito, elas teriam que observar, identificar e distinguir as letras, assim como saber a posição de cada uma no teclado. Elas também observaram que o teclado, além de letras, contem números que fazem parte da nossa escrita numérica. Assim que todas tiveram a oportunidade de escrever o nome, deixei que elas fizessem uma escrita espontânea de qualquer palavra. Quando é permitido às crianças construírem a sua escrita, damos a elas a oportunidade de criar hipóteses até chegar ao produto final. Para Baptista (2009, p.51) a criança é capaz de criar estratégias para que algo possa ser lido ou não. Já as Proposições Curriculares de Belo Horizonte enfatizam que “desde cedo, expostas a diferentes materiais escritos, elas formulam suas próprias hipóteses”(BELO HORIZONTE, 2009, p.127). Quanto mais contatos a criança tiver com os mais

⁷ Socialização é uma prática da UMEI Heliópolis em que todas as crianças se reúnem em um espaço da instituição para interagir através da música e contação de história.

diversificados instrumentos que podem auxiliá-las no processo de alfabetização, melhor desempenho terá, já que poderá adquirir formas diferentes em ler e escrever.



FIGURA 6: Crianças datilografando. Fonte: Arquivos de Edilene Olimpio

Com a primeira parte do planejamento já concluída e tendo bons resultados com as atividades realizadas com o rádio, o microfone, máquina fotográfica, o celular, o áudio visual e a máquina de escrever, dei sequência às atividades que a partir desse momento iriam requerer mais das crianças. Pois agora enfatizarei mais a parte da linguagem escrita usando os instrumentos tecnológicos.

Levei para sala de aula alguns teclados de computadores e tablets, para que as crianças executassem escritas espontâneas. Como os teclados não estavam ligados a computador, foi entregue letras soltas do alfabeto para que as crianças observassem uma figura e tentassem formar a palavra, em seguida, digitasse o que escreveu no teclado. E já com o tablet, elas digitaram palavras espontaneamente e depois tinham que me dizer o que digitaram. Usei esta estratégia para estimular o interesse pela atividade. Foi uma atividade bem tranquila. À medida em que as crianças falavam as palavras as quais queriam escrever, havia o estímulo que elas pensassem no som da sílaba e se a letra inicial era semelhante a outra já trabalhada. Por exemplo: Moto/Mola; Bola/Boneca; Rafael/Rato; Davi/Dado entre outras. Em todo tempo, houve estimulação para que elas refletissem nos sons das palavras antes de registrá-las.



FIGURA 7: Digitando no tablet e teclado de computador. Fonte: Arquivos de Edilene Olimpio

Ao perceber-se que já estavam bem familiarizados com a escrita digital, foi a vez de trabalhar com o notebook. Foi explicado para as crianças que as teclas serviam como lápis. Como as atividades anteriores foram direcionadas a um trabalho de oralidade, percepção dos sons, as semelhanças e diferenças entre palavras, este momento com o notebook foi para verificar através da linguagem escrita, se as crianças apresentariam um desempenho significativo quando fossem registrar as palavras, as quais foram ditas oralmente. Eles escreveram nomes, palavras livres e tentaram escrever palavras direcionadas por mim. Foram feitas atividades pedagógicas em sites educativos (smarkids, Mônica, etc) na internet que contemplam a escrita, o raciocínio lógico e a concentração, além da percepção dos sons de palavras e também de objetos. Pôde-se perceber que as crianças tiveram um bom desempenho quando fizeram a relação de uma palavra com a outra. Exemplo: Caio e Cachorro, as duas palavras se iniciam com a letra C. Também as rimas: lago/Lago; Rafael/mel. A facilidade em visualizar as letras também foi outro fator que contribuiu para o sucesso da atividade. Enquanto que, ao usar o lápis e o caderno, a criança tem que pensar e buscar em sua memória qual é o traçado da letra que se quer registrar, usando o notebook ou computador, ela tem apenas que lembrar qual é esta letra e identificá-la no teclado. As crianças conseguiram identificar as letras, porém, não foram todas que registraram corretamente a escrita das palavras. Nos sites educativos foram trabalhadas a concentração e lógica (jogo da memória), complementação de letras faltosas, dar nomes aos objetos apresentados, ouvir histórias on line, o colorido, jogo da forca, ligue os pontos, cruzadinha, etc. enquanto estão brincando, as crianças desenvolvem a coordenação (controle do cursor), digitação, interação (pois elas conversam entre si quando estão levantando as hipóteses).

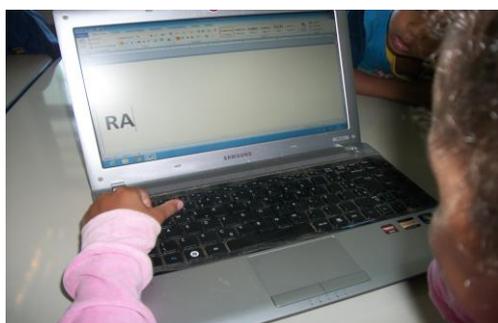


FIGURA 8: Digitando no notebook. Fonte: Arquivo de Edilene Olimpio

Pode-se observar como a aprendizagem teve significado para as crianças quando realizada de forma prazerosa, fugindo assim da mesmice.

O uso da linguagem midiática possibilita à criança explorar o seu potencial criativo, ressaltando o seu papel enquanto aprendiz e produtora de conhecimento, inserida em ações individuais e coletivas. O registro comunica os fazeres do tempo real, desvelando aspectos vividos e não percebidos em sua importância no tempo presente. Nessa perspectiva, as unidades educacionais de Educação Infantil apresentam práticas de registro nas quais as mídias potencializam o fazer pedagógico. (SÃO PAULO, 2008, p. 73)

Após estas atividades que tiveram o auxílio dos instrumentos digitais, começamos a trabalhar o registro da escrita no papel. Quando foi solicitado que as crianças fizessem escritas espontâneas, algumas conseguiram se aproximar com eficácia da escrita correta, mas todas tiveram êxito, pois já não demonstravam receio em escrever.

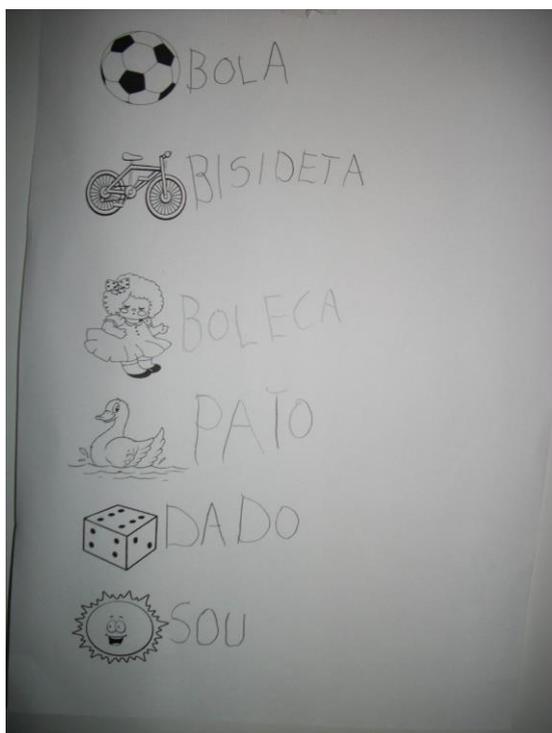


FIGURA 9 : Escrita espontânea de uma aluna. Fonte: Arquivos de Edilene Olimpio

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das inúmeras possibilidades que as tecnologias podem oferecer durante o desenvolvimento das práticas pedagógicas é de suma importância primeiramente instigar as crianças na construção do conhecimento de uma forma serena. Tendo em vista as transformações que acontecem diariamente em todos os segmentos, tanto sociais como pessoais, perpassando pelas instituições de ensino, onde a aprendizagem ocorre de forma sistemática, torna-se necessário propiciar novos métodos e instrumentos que auxiliem o processo de ensino aprendizagem. Tendo em vista que é impossível voltar no tempo e deixar de fazer o uso de recursos tecnológicos durante a prática pedagógica, os quais já estão enraizados no nosso dia a dia, torna-se importante construir estratégias didáticas para inclui-los de forma dinâmica e que valorize os saberes infantis. Entretanto a ausência de tais recursos nas escolas se expressa como um atraso de uma nova era, que aos poucos foi inserindo nas práticas diversas a dependência midiática.

As crianças já dominam e manuseiam perfeitamente alguns dos objetos tecnológicos, como visto durante o desenvolvimento desta pesquisa. A facilidade de contato entre elas e os mesmos ocorre de forma espontânea, que a princípio aguça a curiosidade e após um período de familiaridade, logo, já estão encantadas e não querem ficar distantes desses objetos. Essa relação se torna essencial para um bom desempenho durante as atividades e para a construção do conhecimento. Agora não é só o professor que detém o poder de ensinar. A criança da atualidade, considerada como pertencente a geração de nativos digitais, traz consigo experiências que adicionadas ao planejamento docente irão resultar em uma prática mais construtiva e com mais significados tanto para o professor como para a criança. Então a reciprocidade, atualmente, é a base de uma boa prática em prol do processo de alfabetização: o que ensina aprende e o que aprende ensina. Tudo isso foi notável durante o desenvolver das práticas que foram desenvolvidas no decorrer dessa pesquisa.

As atividades propostas que abrangeram os instrumentos tecnológicos evidenciaram que, para oferecer uma prática de qualidade não precisa de recursos extraordinários, mas somente que a professora use de criatividade e os instrumentos

existentes na UMEI. Pode ser um simples rádio ou o mais moderno objeto tecnológico, o ideal é que o uso deles seja explorado com o objetivo de propiciar à criança não só o contato com os mesmos, mas, uma forma de interação que resulte na apropriação e construção do saber durante a educação infantil.

Contudo, além do lado positivo relacionado às crianças, percebemos que uma das dificuldades encontradas na UMEI está relacionada à prática das professoras, que tem uma visão simples sobre a linguagem digital. Para elas, o uso corriqueiro de instrumentos presentes na instituição é limitado. A própria professora tira as fotos, manuseia os materiais midiáticos e oportuniza pouca ampliação do conhecimento pela criança. Mas, não quero ser taxativa em relação aos docentes. A maioria das professoras precisam ser envolvidas no cenário tecnológico, porque inseridas elas já estão. Isso esclarece os obstáculos relatados por alguns docentes. A Secretaria Municipal de Belo Horizonte, ao oferecer formações docentes, deveria dar mais ênfase à linguagem digital. Já existe uma formação nessa área, porém, são poucas as UMEIS escolhidas para enviar um representante, que na verdade, são coordenadoras pedagógicas, que nem sempre repassam o que aprenderam. Portanto as professoras ficam sem apoio e não sabem como agir e nem como explorar os instrumentos tecnológicos.

Diante desse atual contexto, cabe ao professor ter uma nova postura, um novo olhar para as crianças e oferecê-las a oportunidade de diferentes formas de aprender.

O leque de atividades que podem ser desenvolvidas através da linguagem digital, perpassando entre as outras seis descritas nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte, auxilia no desenvolvimento das capacidades e habilidades também descritas no documento, apresentando novos cenários educacionais que ultrapassam as paredes de uma sala de aula, já que a aprendizagem pode ocorrer em ambientes diversos. Assim como as linguagens oral e escrita são importantes durante a alfabetização, a linguagem digital, se torna a cada dia um dos maiores aliados nesse processo proporcionando a criança construir o seu conhecimento de forma significativa através das interações com o meio virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Marilyn Jager, et al. **Consciência Fonológica em crianças pequenas**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Adaptação à língua portuguesa. Regina Ritter Lamprecht e Adriana Correa Costa. Porto Alegre: Artmed, 2006

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Ensinar e aprender com o computador: a articulação inter-trans-disciplinar. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; PRADO, Maria Elisabette Bristola Brito. (Orgs.) **Elaboração de projetos: guia do cursista**. Brasília: Ministério da Educação , Secretaria de Educação à Distância, 2009, p. 70 - 78

BAPTISTA, Mônica Correia e MOURÃO, Sara (org). **A criança de seis anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**. Orientações para o trabalho com linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2009.

BASTOS, Eliabeh Soares...[et. al] **Introdução à educação digital: caderno de estudo e prática**.– Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 2008,

BELO HORIZONTE. **Proposições Curriculares Educação Infantil Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH. Desafios da Formação**. SMED, Belo Horizonte, 2009.

BRASIL. Ministérios da Educação e do Desporto. Resolução Nº 5 de 17 de dezembro de 2009 – **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.) **Letramento Digital, Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

COUTINHO, Clara Pereira. Tecnologia educativa e currículo: caminhos que se cruzam ou se bifurcam? Teias In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; PRADO, Maria Elisabette Bristola Brito. (Orgs.) **Elaboração de projetos: guia do cursista**. Brasília: Ministério da Educação , Secretaria de Educação à Distância, 2009, p. 124 – 143.

FERREIRO, Emília. Deve-se ou não se deve ensinar a ler e escrever na pré-escola? Um problema mal colocado. In _____ **Reflexões sobre alfabetização**. 18ed. São Paulo: Cortez, 1991

FOLQUE, Maria da Conceição. **Educação Infantil, tecnologia e cultura**. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, Ano IX, Nº 28, p. 8-11, jul/set: 2011.

FRADE, Isabel C. A. da Silva. Alfabetização Digital: Problematização do Conceito e possíveis relações com a pedagogia e com a aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.) **Letramento Digital, Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 59-83

Lei 8679/2003 – **Cria as Unidades Municipais de educação Infantil** - <https://www.leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/2003/867/8679/lei-ordinaria-n-8679-2003-cria-as-unidades-municipais-de-educacao-infantil-e-o-cargo-de-educador-infantil-altera-as-leis-n-s-7235-96-e-7-577-98-e-da-outras-providencias.html> - Acessado em 06/04/2015

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARANGON, Cristiane. **Crianças na era digital**. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, Ano IX, Nº 28, p. 40-42, jul/set: 2011

OLIVEIRA, Rafaela C. **Letramento Digital**. Disponível em <http://www.artigos.com/artigos/humanas/letras/letramento-digital-7482/artigo/#.VCS-ivldUjY> - Acessado em 23 de setembro de 2014

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.) **Letramento Digital, Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 13-24

PRADO, Maria Elisabette Bristola Brito. Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; PRADO, Maria Elisabette Bristola Brito. (Orgs.) **Elaboração de projetos: guia do cursista**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 2009, p. 50 - 56

RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.) **Letramento Digital em 15 cliques**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RIBEIRO, Otacílio J. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.) **Letramento Digital, Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 85-97

SÃO PAULO (SP). **Mídias no universo infantil: um diálogo possível** / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2008.

SIBILIA, Paula. **A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros?**. São Paulo: Matrizes, 2012.

VELOSO, Karla. Ambiente virtual de aprendizagem. In: RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.) **Letramento Digital em 15 cliques**. Belo Horizonte: RHJ, 2012, p. 80-87

XIMENES, Sérgio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 3 Edição Revista, Ampliada e Atualizada. São Paulo: Ediouro, 2001.